

JOSEMARY GIRALDI

**VICISSITUDES DA FAMÍLIA DE ADOLESCENTES
AGREDIDOS PELO PAI**

**ASSIS
2008**

JOSEMARY GIRALDI

**VICISSITUDES DA FAMÍLIA DE ADOLESCENTES
AGREDIDOS PELO PAI**

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista para a obtenção do título de Mestre em Psicologia (Área de conhecimento: Psicologia e Sociedade.)

Orientador: Francisco Hashimoto

**ASSIS
2008**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – UNESP

G516v Giraldi, Josemary
Vicissitudes da família de adolescentes agredidos pelo pai /
Josemary Giraldi. Assis, 2008
101 f. : il.

Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras
de Assis - Universidade Estadual Paulista.

1. Psicanálise. 2. Adolescência. 3. Violência familiar. I. Ti-
tulo.

CDD 150.195
362.7

JOSEMARY GIRALDI

**VICISSITUDES DA FAMÍLIA DE ADOLESCENTES
AGREDIDOS PELO PAI**

COMISSÃO EXAMINADORA

Presidente: Prof. Dr. Francisco Hashimoto – UNESP/Assis

Membros: Profª. Dra. Elizabeth Piemonte Constantino – UNESP/Assis

Profª. Dra. Maria Inês Assumpção Fernandes – USP/São Paulo

Aos meus pais, por tudo.
Aos meus irmãos Marcos e Tania, que de uma forma ou outra
sempre me impulsionaram a continuar.
Ao meu noivo Sidinei, companheiro sempre, de compreensão
infinita.

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos são destinados, de maneira especial, ao meu orientador Francisco Hashimoto, que me adotou no momento mais difícil desta etapa, mostrando-se grande profissional, grande pesquisador e grande pessoa, sempre acolhedor.

Também agradeço à banca examinadora: Maria Inês Assunção, que com seu admirável conhecimento enriqueceu este trabalho, trazendo apontamentos que levarei por toda a minha caminhada de pesquisadora, e Elizabeth Piemonte Constantino, pela disponibilidade e grande colaboração.

À minha amiga Thassia, que caminhou comigo do começo ao fim, agradeço pela paciência, pela colaboração, pelo companheirismo e pela dedicação.

Ao amigo Edson, que destinou torcida verdadeira pelo meu sucesso, e pelas longas discussões reflexivas sobre psicologia e sobre a vida.

RESUMO

GIRALDI, J. **Vicissitudes da família de adolescentes agredidos pelo pai.** 2008, 101f. Dissertação de Mestrado (Psicologia e Sociedade). Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista.

Este trabalho tem por objetivo realizar uma leitura dos significados de violência familiar em adolescentes do sexo masculino, vítimas de violência física exercida pela figura paterna, considerando os espaços psíquicos. É uma pesquisa qualitativa e os participantes são constituídos de três adolescentes integrantes do Projeto Sentinela, no município de Godoy Moreira/PR, que visa dar assistência pedagógica, social e psicológica a adolescentes vítimas de qualquer forma de violência. As técnicas utilizadas são: entrevista semi-estruturada, análise do prontuário do Projeto Sentinela para conhecimento da história de vida do adolescente, visita domiciliar e o genossociograma. O referencial teórico-metodológico utilizado é o psicanalítico, que considera os “não ditos” que se fazem presentes e a relação que se estabelece entre o participante e o pesquisador. Temas como adolescência, violência familiar, transmissão psíquica, o papel psicológico da família na atualidade e a aplicação da psicanálise no contexto social são discutidos na fundamentação teórica do trabalho, e possibilitam a análise do material obtido por meio das técnicas utilizadas. Os dados obtidos nos revelam uma postura de submissão diante da figura paterna e, por consequência, a concordância em relação à violência sofrida. O vínculo libidinal de filiação e a função paterna são fatores que favorecem a existência da transmissão psíquica nos casos estudados, interferindo no conceito de violência presente nos participantes deste trabalho e, de alguma forma, interferindo também no conceito de masculinidade.

Palavras-chave: Adolescência. Transmissão Psíquica. Violência familiar. Psicanálise.

ABSTRACT

GIRALDI, J. **Vicissitudes of the family of adolescents assaulted by her father.** 2008, 101f. Masters dissertation (Psychology and Society). Faculty of Science and Letters of Assis - Universidade Estadual Paulista.

This work aims to achieve a reading of the meanings of family violence in adolescent males, victims of physical violence exercised by the father, considering the psychic spaces. It is a qualitative research and the participants consist of three teenage members of Project Sentinel, the city of Godoy Moreira / PR, which aims to assist educational, social and psychological care to victims of adolescents any form of violence. The techniques used are: semi-structured interview, review of medical records of Project Sentinel to know the life story of the teenager, home visits and genossociograma.

The theoretical and methodological reference is psychoanalysis, which considers the "no such" that are present and that relationship is established between the participant and the researcher. Issues such as adolescence, family violence,transmission mental, the psychological role of the family at present and the application of psychoanalysis in the social context are discussed in the theoretical foundation of the work, and enable the analysis of material obtained through the techniques used. The data show in a posture of submission before the paternal figure and, consequently, the agreement in relation to the violence suffered. The link libidinal membership and function of paternal are factors that favor the existence of psychic transmission in the cases studied, interfering with this concept of violence in this work and participating in some way interfering in the concept of masculinity.

Keywords: Adolescence. Psychic transmission. Family violence. Psychoanalysis.

SUMÁRIO

Apresentação.....	11
Introdução	13
CAPÍTULO I: Delineamento da Pesquisa	16
1.1 Contextualização social do problema de pesquisa.....	16
- O Município de Godoy Moreira	16
- O Projeto Sentinela	17
- Objetivos	19
1.2 Metodologia	20
1.2.1 A psicanálise como método de pesquisa científica	21
1.2.2 Psicanálise e contexto social	24
1.2.3 Procedimentos, técnicas e os participantes da pesquisa	26
- Até chegar às técnicas e procedimentos	28
1.2.4 A entrevista como instrumento	29
1.2.5 O genossociograma	31
1.2.6 Análise dos dados	22
CAPÍTULO II: Família e transmissão psíquica	33
2.1 A família e o sujeito do grupo	34
2.2 Transmissão psíquica entre as gerações	37
2.2.1 Alguns conceitos	38
2.2.2 O sujeito, a família e a transmissão psíquica.....	41
CAPÍTULO III: Função paterna	45
CAPÍTULO IV: Violência familiar e adolescência	50
4.1 A violência atuando no contexto familiar	50
4.2 A adolescência e a violência familiar	53
CAPÍTULO V: Conhecendo os participantes	56
5.1 Trabalho com Gabriel	56
5.1.1 A história de Gabriel	57
5.1.2 O genossociograma de Gabriel	58
5.1.3 O contato com Gabriel	60
5.1.3.1 A tentativa de compreensão de Gabriel	60
- Relação com o pai	61
- Concepção de paternidade e de masculinidade	62
- Identificação com o pai e transmissão psíquica	63
5.1.4 A vivência de Gabriel	65
5.2 Trabalho com Adriano	66
5.2.1 A história de Adriano	66
5.2.2 O genossociograma de Adriano	67

5.2.3 O contato com Adriano	69
5.2.4.1 A tentativa de compreensão de Adriano	70
- Adriano adolescente	70
- A postura diante do pai e a concepção de paternidade	72
- Concepção de masculinidade	74
- Transmissão psíquica	74
5.2.4 A vivência de Adriano	77
5.3 Trabalho com Bruno	77
5.3.1 A história de Bruno	78
5.3.2 O genossociograma de Bruno	79
5.3.4 O contato com Bruno	81
5.3.3.1. A tentativa de compreensão de Bruno.....	81
- O cuidador	81
- A relação com o pai e com a violência	83
- Transmissão Psíquica e masculinidade	86
5.3.4 A vivência de Bruno.....	88
5.4 Gabriel, Adriano e Bruno: vivências de um tempo.....	88
Considerações finais	92
Referências bibliográficas	94
Anexo	99

APRESENTAÇÃO

O desejo de realização desta pesquisa advém de diversos fatores, tanto de ordem pessoal quanto profissional e social. Faremos uma breve descrição, neste momento, da história acadêmica que justifica os fatores pessoais que levaram à realização deste trabalho.

Desde que ingressamos na Universidade, no curso de Psicologia, em 2001, começamos a manifestar o desejo de trabalhar com adolescentes, o que ocorreu de forma concreta no ano de 2003, em um Projeto de Extensão Universitária. Dentro desse projeto, atuávamos em oficinas temáticas com adolescentes de 14 a 16 anos, do sexo masculino, integrantes de um Projeto denominado *Broto Verde*, em Assis/SP. Este Projeto é financiado pela Flora Vale, que é uma associação de recuperação florestal sem fins lucrativos, que fornece mudas para agricultores daquela região e matéria prima florestal para consumidores de lenha, desde que sejam associados à instituição. Visando ensino não formal e pré-profissionalizante, são oferecidas aos adolescentes aulas de jardinagem, educação ambiental, informática e atendimento psicológico, no qual enquadrava-se nosso trabalho.

Ainda no ano de 2003 surgiu a oportunidade de realização de um levantamento bibliográfico sobre HIV/AIDS, em forma de relatório, em resposta a uma bolsa de auxílio financeiro concedida pela universidade, denominada Bolsa BAE.

Com um envolvimento cada vez maior, o trabalho no Broto Verde também aconteceu no ano de 2004 e 2005, sendo que neste último foi realizada, com os adolescentes deste projeto, uma pesquisa de iniciação científica financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Intitulado *Estudo dos aspectos subjacentes aos conceitos de sexualidade e AIDS em adolescentes do sexo masculino*, este trabalho, além de possibilitar-nos conhecer um pouco mais o universo adolescente, despertou-nos um grande interesse para a pesquisa.

Apesar do desejo de trabalhar com os adolescentes em geral, houve uma aproximação mais específica dos estudos com adolescentes do sexo masculino, devido à pesquisa de iniciação científica já citada.

O trabalho com HIV/AIDS aconteceu em decorrência do levantamento bibliográfico realizado em 2003, além de sua pertinência social, sendo bastante

instigante pesquisar este tema dentro da adolescência. No entanto, os resultados desta pesquisa possibilitaram-nos ver além dos fatores ligados à sexualidade e ao HIV/AIDS, pois os valores defendidos pelos adolescentes e a visão de família apresentada por eles foram algo que nos deixou bastante intrigados e com um grande desejo de maior conhecimento sobre este assunto.

Concomitantemente a este trabalho, iniciamos a participação em um grupo de pesquisa vinculado ao CNPq, denominado *Família e Subjetividade*. Durante a análise dos resultados da pesquisa de iniciação científica surgiram reflexões decorrentes dos temas estudados no grupo de pesquisa sobre a influência familiar que os adolescentes sofrem tanto em relação à formação da moral, quanto a fatores inconscientes transmitidos de forma geracional.

Ao término da graduação começamos um trabalho no município de Godoy Moreira/PR, em um programa denominado *Sentinela*, onde são atendidos crianças e adolescentes que sofrem violência doméstica, bem como suas respectivas famílias. Neste momento fecha-se, definitivamente, o tema no qual esta pesquisa se apóia: *Vicissitudes da família de adolescentes agredidos pelo pai*, constituindo, assim, um apanhado de toda essa história acadêmica, pois abrange adolescência, masculinidade, violência e família (transmissão psíquica).

O início da vida profissional foi um desafio, pois não havíamos, até o momento, vivenciado práticas relacionadas à violência, mas houve uma identificação com a atuação psicológica na área social que facilitou a familiarização e a realização do trabalho em questão.

Assim, este trabalho faz parte de mais um capítulo deste percurso acadêmico, sintetizando a trajetória vivenciada até o momento e proporcionando a realização de um desafio tanto pessoal quanto social e científico, que possibilitou, além de um maior conhecimento de nossa parte, a abertura de uma porta para uma intervenção com adolescentes vítimas de violência familiar exercida pela figura paterna.

INTRODUÇÃO

A família, ao longo dos tempos, assume ou renuncia papéis como resposta às necessidades da sociedade pertencente. É inegável a grandeza dos papéis social e psicológico exercidos pela família, já que lhe é destinada, atualmente, a responsabilidade pela formação do indivíduo como um todo. Entretanto, nossas reflexões se direcionarão somente para seu papel psicológico e as influências que esta instituição traz para a formação psíquica do indivíduo.

Primeiramente, podemos considerar que a família é detentora de grande força dentro do processo de civilização do indivíduo. Civilização, segundo Freud (1927-1931/1969), são as realizações e regulamentos que diferenciam nossas vidas da de nossos antepassados animais, e que servem tanto para proteger os homens contra a natureza quanto para ajustar os relacionamentos dos homens entre si.

Teóricos sociais como Adorno e Horkheimer (1956) destacam a importância da psicanálise nas relações entre família e sociedade, já que Freud (1913 [1912-13]), em *Totem e Tabu*, mais do que estudar sobre a sociedade primitiva, colocou a família como aquela na qual se forma a estrutura da personalidade, sendo esta estrutura socialmente relevante.

Entretanto, a atual responsabilidade da família pelas necessidades básicas do indivíduo como alimentação e afeto surgiu apenas no século XVIII, quando ela passou a viver de maneira mais isolada. Segundo Poster (1978), Freud considerou que este isolamento, de maneira positiva, deu ênfase à intimidade, mas negativamente fez com que a criança depositasse todas as suas necessidades emocionais num círculo pequeno de pessoas.

A valorização da afetividade dentro do contexto familiar fez com que a constituição do indivíduo passasse a sofrer grande influência deste ambiente, o que favoreceu o processo de identificação na família.

Neste sentido, Levisky (1998) ressalta que, desde muito cedo, o indivíduo necessita do outro para definir sua identidade e enfatiza o poder que o processo de identificação exerce sobre o homem ao afirmar que este é resultado de uma interação entre os seus aspectos particulares, individuais, e as relações que são estabelecidas com o outro e com o meio.

Ao pensarmos no ideal de família existente na sociedade, o processo de identificação ocorre diretamente dos filhos em relação aos pais, pois são estes os responsáveis pela educação das crianças e dos adolescentes.

Os processos de identificação da criança e do adolescente ocorrem a partir de movimentos psíquicos existentes na relação pais/filhos(as), com o(a) último(a) incorporando, desenvolvendo e transformando, buscando alcançar seus próprios modelos, seu modo de ser, pensar e viver (LEVISKY, 1998,p.72).

Portanto, a postura que os pais tomam diante da vida, seja no âmbito social, pessoal ou afetivo, interfere diretamente na constituição de seus filhos como indivíduos, e as relações que eles estabelecem são reflexões para as que seus filhos construirão e estabelecerão.

O processo de identificação surge como um conceito psicanalítico e, de acordo com a importância que Freud destina para a infância na constituição do indivíduo, pode-se afirmar que a família, no desenvolver de seu papel psicológico, é tão ou mais importante que dentro do seu papel social. Nesse sentido, o processo de inserir marcas no sujeito do inconsciente fazendo com que ele se posicione no discurso a partir de um lugar no qual vai se relacionar com o outro, é o que denominamos de transmissão simbólica, a linguagem que atravessa gerações.

Poster (1978) confirma esse pressuposto ao dizer que a psicanálise procura desmascarar a idéia do individualismo, pois as características íntimas da vida de cada um permanecem escondidas, tendo significado apenas quando remetidas ao corpo familiar, sendo o indivíduo inteligível isoladamente.

Portanto, é necessário considerar a responsabilidade que a família tem, atualmente, na constituição do indivíduo. A psicanálise possibilita-nos afirmar que, a partir do momento em que a família passou a ser a única responsável pela educação, alimentação, afeto e inserção social (ou seja, responsável por toda a infância), toda e qualquer característica do adulto é decorrência de sua vida familiar, pois a constituição do sujeito ocorre no período da infância.

Desta forma, podemos afirmar que a violência exercida pelos pais contra os filhos influenciará de algum modo na formação da personalidade destes.

Assim, no primeiro capítulo deste trabalho faremos uma contextualização social do problema de pesquisa, especificando o projeto e o município nos quais os participantes da pesquisa integram. Consideramos, na discussão acerca de nossa metodologia, a psicanálise como método de pesquisa científica e sua forma de atuação no contexto social, com o intuito de esclarecer a sua viabilidade além da atuação clínica. Neste sentido, Mezan (1999) afirma que tanto o analista em seu consultório quanto aquele que opera em uma equipe multidisciplinar exerce a mesma escuta e o mesmo contato direto com o sofrimento psíquico e com a existência dos sintomas, defesas, fantasias e transferências. Ainda no primeiro capítulo apresentaremos os nossos procedimentos, técnicas e a escolha dos participantes da pesquisa, com ênfase na opção da entrevista como instrumento, no genossociograma e na análise dos dados.

Iniciando o segundo capítulo, nossas reflexões se direcionam para a família e o sujeito como parte integrante deste grupo e, diante do olhar psicanalítico, seguimos com considerações sobre a transmissão psíquica entre as gerações, com seus conceitos e sua atuação dentro do grupo familiar.

Após considerações acerca do grupo familiar, seguimos o terceiro capítulo falando da relação pai e filho, direcionando mais precisamente para a função paterna. Esta discussão tem o intuito de tentar esclarecer os processos inconscientes que ocorrem na relação em questão, de forma a mostrar a participação paterna na vida do adolescente.

Por fim, a análise dos dados é realizada a partir da história de vida de cada participante, dos relatos das visitas domiciliares, da análise do genossociograma e das entrevistas realizadas.

O trabalho com cada adolescente é analisado de maneira individual, com considerações acerca das relações estabelecidas com a figura paterna e da transmissão psíquica permeando na relação e no ambiente familiar.

Finalizando, é realizada uma síntese do trabalho com os três adolescentes, condensando os dados em uma análise geral e fazendo as considerações finais.

Assim delineamos nosso trabalho, visando adquirir coerência com nossos objetivos na busca de resultados que, de alguma forma, colaborem tanto com a comunidade científica quanto com a vida pessoal de cada participante desta pesquisa.

CAPÍTULO I: DELINEAMENTO DA PESQUISA

A partir deste momento faremos um delineamento de nossa pesquisa, o contexto, os objetivos e a metodologia. Em relação à metodologia, faremos reflexões sobre a psicanálise como método de pesquisa científica e sua atuação no contexto social, além de uma discussão dos procedimentos e técnicas utilizados. Apresentaremos ainda o referencial teórico que fundamenta a pesquisa.

1.1. CONTEXTUALIZAÇÃO SOCIAL DO PROBLEMA DE PESQUISA

Consideramos necessário contextualizar o local onde a pesquisa foi desenvolvida, apresentando principalmente as relações que os participantes têm com o projeto e com o município no qual ele faz parte.

- O Município de Godoy Moreira

Instalado em 01 de janeiro de 1990, o município de Godoy Moreira/PR possui o total de 3.568 habitantes, segundo dados do censo Demográfico 2007 divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Também de acordo com esse instituto, pesquisas realizadas no ano 2000 indicam que em Godoy Moreira predomina a população rural, representando 61,66% do total de habitantes. O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do município em questão é de 0,672, de modo que, quanto mais próximo do 1, melhores são os resultados obtidos. Em comparação aos outros municípios do Estado do Paraná, Godoy Moreira se encontra em uma situação preocupante: das 399 cidades do Estado, o município em questão se classifica em 385º quanto ao IDH e o valor obtido no estado do Paraná é de 0,740. (dados extraídos do site <<http://www.caminhos.ufms.br/matrizedados/pr/godoymoreira.html>>.).

Ainda segundo dados do IBGE, juntamente com o Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES), que é uma Instituição de Pesquisa vinculada à Secretaria de Estado do Planejamento e Coordenação Geral (SEPL), em 2000 havia em Godoy Moreira 2.051 pessoas em situação de

pobreza, com cálculo realizado em função da renda *per capita* de até meio salário mínimo.

Por meio destes dados é possível constatar a situação do município, de modo que os adolescentes participantes desta pesquisa vivem em condições precárias, sendo eles integrantes da parcela mais carente de um dos municípios mais pobres do Estado.

Desta forma, descreveremos as atividades e propostas do Projeto Sentinela, sendo este o único serviço oferecido a seus integrantes fora do ambiente escolar.

- O Projeto Sentinela

Criado no ano de 2001 pelo governo do então presidente Fernando Henrique Cardoso, o Projeto Sentinela atende crianças e adolescentes vítimas de violência, com ênfase no abuso e na exploração sexuais. Atualmente está presente em 315 cidades brasileiras e funciona em parceria com os governos municipais. Por meio de atividades e políticas desenvolvidas neste trabalho, busca-se prevenir e/ou interromper o ciclo de violência, além de assessorar a família da criança e do adolescente e contribuir para a responsabilização dos autores da agressão.

O público alvo do Projeto Sentinela são crianças que sofrem diferentes formas de violência, sendo elas agressões físicas, psicológicas, sexuais e a negligência, além de crianças que se encontram em situação de risco social.

Ao recebermos a denúncia de violência, seja ela da escola, da igreja, da sociedade em geral, ou o encaminhamento do Conselho Tutelar, realizamos uma visita domiciliar e aconselhamento familiar, além de atendimento individualizado com a criança, com a intenção de conhecer a(s) forma(s) e intensidade de violência(s) sofrida(s). A partir daí, há o esclarecimento, tanto para a criança quanto para a família, da importância e necessidade da frequência nas atividades do projeto, além do esclarecimento ao novo integrante das razões que o levam a estar ali.

No município de Godoy Moreira, o Projeto Sentinela foi implantado em 2003 e atualmente trabalha com 50 crianças e adolescentes. Com o intuito de manter seus integrantes o menor tempo possível nas ruas, oferece atividades ao

longo da semana em período de contraturno escolar. Várias são as atividades realizadas, entre elas artísticas (pintura, crochê, trabalho com material reciclável), informática, esporte, horta, entre outros. Além destes trabalhos, há o acompanhamento psicológico, seja através de atendimentos individuais, grupais ou no trabalho com a equipe de profissionais que compõe o Projeto Sentinela.

O objetivo das atividades desenvolvidas no projeto é oferecer às crianças e adolescentes a aquisição de conhecimentos diversos, possibilitando-lhes inclusive a oportunidade de trabalhos futuros, com obtenção de renda. No entanto, o enfoque principal é o desenvolvimento da capacidade de convívio grupal, das diversas maneiras de lidar com as frustrações e o aumento da auto-estima, já que, de uma forma geral, há uma grande dificuldade de convivência e de auto-aceitação no grupo trabalhado.

Outra maneira de acolher tanto os integrantes do Projeto quanto suas famílias é oferecer-lhes a possibilidade de partilharem suas angústias, suas necessidades e suas expectativas. Assim, é possível perceber o movimento familiar e, a partir daí, realizar um trabalho não apenas com a criança, mas também com a instituição familiar. Há, em toda a equipe do Projeto Sentinela, um cuidado para que as crianças e adolescentes sejam respeitados, levando-os a perceber as conseqüências de suas escolhas sem, no entanto, agir de forma impositiva em relação a elas.

Em Godoy Moreira/PR, quarenta e cinco das cinquenta famílias cujas crianças e adolescentes são atendidas pelo Projeto têm renda até um salário mínimo e as outras cinco vivem com um a três salários, o que leva-nos a concluir que exclusivamente a classe menos favorecida recebe os trabalhos do projeto.

Em relação aos tipos de violência presentes, detalharemos apenas a física, sofrida por adolescentes do sexo masculino, que é o nosso interesse nesta pesquisa. Dentre as cinquenta crianças e adolescentes assistidas pelo programa, seis são adolescentes do sexo masculino que sofrem violência física, sendo que apenas um é agressão cometida pela mãe; os outros são (ou foram) agredidos por pessoas que representam a figura paterna, seja pai biológico, padrasto ou avô.

Na prática profissional, o contato diário com a população de Godoy Moreira também possibilita constatar que o número de denúncias existentes é restrito, pois as pessoas apresentam medo de se prejudicarem com esta atitude. Portanto, os casos inseridos no Programa Sentinela são aqueles explicitados, levando-nos a considerar que existe um número ainda maior de atitudes violentas contra a criança e o adolescente.

O Programa faz um acompanhamento também da vida escolar de seus integrantes, numa parceria com o Conselho Tutelar, que é o órgão encarregado de zelar pelos direitos da criança e do adolescente. Esta parceria se dá através das visitas domiciliares, encaminhamentos, relatórios e outros.

De forma geral, os adolescentes do projeto apresentam baixa resistência à frustração e dificuldades no convívio grupal; as regras são constantemente desrespeitadas e as provocações mútuas sempre acabam caminhando para ofensas pessoais. Estas são colocadas sem muita reflexão, já que constantemente dizem de outros fatos que são marcantes também em sua própria vida.

Grande parte dos integrantes mora na zona rural, depende de transporte cedido pela prefeitura e já teve contato direto com o trabalho no campo.

Assim, o Programa Sentinela oferece às crianças e adolescentes benefícios tanto a curto quanto em longo prazo. De imediato, possibilita aos integrantes participarem de atividades que estimulam a criatividade, a convivência grupal e o aumento da auto-estima. Para o futuro, este trabalho pretende oferecer estrutura psíquica para que todos possam fazer suas escolhas e viver de forma emocionalmente saudável.

A partir deste trabalho com o Projeto Sentinela surgiu a construção desta pesquisa, cujos objetivos serão apresentados a seguir.

- Objetivos

Nosso trabalho se coloca diante de uma questão referente à relação pai/filho adolescente e à violência física na qual esta relação é (ou foi) permeada. Deste modo, colocamo-nos diante dos seguintes objetivos:

Objetivo Geral

Realizar uma leitura dos significados da violência familiar presentes em adolescentes do sexo masculino que sofrem ou sofreram agressão física por parte do pai, considerando a sua história familiar e o processo de transmissão psíquica entre as gerações.

Objetivos Específicos

- Conhecer o significado de família na visão do adolescente;
- Conhecer o significado de paternidade na visão do adolescente;
- Conhecer a história familiar do adolescente a partir de sua própria construção;
- Compreender a influência da figura paterna e da violência sofrida na formação dos significados de masculinidade no adolescente;
- Compreender como a questão da violência emerge na família de cada participante;
- Compreender como a violência foi ou não transmitida em suas gerações.

1.2. METODOLOGIA

Para reflexões acerca das questões metodológicas deste trabalho, é pertinente a explicitação de algumas considerações teóricas.

Dentre elas, faremos uma discussão sobre o método de pesquisa científica, o que nos leva a considerar os paradigmas vigentes, já que a concepção de pesquisa varia de acordo com o período em que se vive.

Em seguida, nossas considerações se direcionarão para a psicanálise e sua atuação no contexto social, desconstruindo a concepção de que esta abordagem só tem atuação dentro da clínica.

Diante da característica qualitativa desta pesquisa, é necessário ressaltarmos que há consideráveis diferenças em relação às ciências naturais e positivistas. Este fato é confirmado por Martins (2004), que afirma que vivemos hoje um processo de reconstrução e de “desdogmatização” das ciências, que estão sendo postas em discussão. Ainda de acordo com esta

autora, há questionamentos de alguns filósofos quanto ao fato das ciências terem por objetivo buscar a verdade do mundo empírico. Para eles, devemos fazer com que a imagem que temos da sociedade seja útil para ela mesma. Neste panorama, a pesquisa qualitativa vai adquirindo forças e espaço no meio científico e caracteriza-se por voltar-se para o seu objeto com um olhar diferenciado, deixando para trás a prioridade na experiência empírica e valorizando as relações.

Assim, podemos compreender a relação possível entre pesquisa científica e psicanálise: os paradigmas vigentes tornam viável a pesquisa qualitativa que, por sua vez, dá espaço e valoriza as relações, que apresentam considerável importância a partir do olhar psicanalítico.

Iniciaremos, portanto, as reflexões acerca da relação entre psicanálise e pesquisa científica.

1.2.1. A psicanálise como método de pesquisa científica

Ao adotarmos, neste trabalho, a psicanálise como método de pesquisa, é de uma importância considerável lembrarmos os escritos de Freud (1923[1922]) em *Dois verbetes de enciclopédia*, pois esclarece-nos a sua posição em relação à sua própria criação. Nestes escritos, a Psicanálise é definida como o nome:

(1) de procedimento para a investigação de processos mentais que são quase inacessíveis por qualquer outro modo. (2) um método, (baseado na investigação) para o tratamento de distúrbios neuróticos e (3) uma coleção de informações psicológicas obtidas ao longo dessas linhas, e que gradualmente se acumula numa nova disciplina científica. (FREUD, 1923[1922]/1976, p.287)

Ao considerar a psicanálise como um procedimento de investigação, Freud, de acordo com Lowenkron (2005), a classifica como um método de pesquisa. Ainda segundo este autor, a ordem escolhida por Freud para a definição do que é psicanálise coloca o método de investigação em primeiro lugar, sendo este, então, o sentido mais importante e fundamental para a produção do saber psicanalítico.

Portanto, Freud defende a psicanálise como também um método investigativo, e conseqüentemente de pesquisa, sendo, então, uma forma de

fazer ciência. Assim, o questionamento sobre o método psicanalítico deixa de existir, já que a definição de psicanálise, dada pelo seu próprio criador, é de total coerência com o que se espera de uma ciência: a investigação. Entretanto, este método apresenta algumas características peculiares que o diferencia de outros, a começar pelo posicionamento do pesquisador diante de seu objeto de pesquisa.

Iribarry (2003) afirma que o pesquisador psicanalítico também é sujeito de sua pesquisa, estando fortemente implicado no trabalho a ser realizado e sendo também um participante desta. Ainda segundo este autor, é por meio do próprio pesquisador que qualquer contribuição conceitual será elaborada, o que torna complexo afirmar que não há implicação alguma deste diante do trabalho a ser realizado.

No método psicanalítico, portanto, admite-se a interferência do pesquisador em seu próprio trabalho, negando-se que há uma necessidade primordial de neutralidade, como defendem os positivistas, já que, para a pesquisa psicanalítica, esta neutralidade é utopia.

Este novo olhar que o método psicanalítico proporciona nos leva a admitir, também, outra relação entre o pesquisador e seu objeto, dentro de um contexto transferencial. Capitão (1999) afirma que na pesquisa psicanalítica não há uma relação sujeito-objeto e sim entre dois sujeitos, pois o objeto, no contexto da transferência, foge da previsibilidade e do controle, por ser algo vivo e dinâmico.

Borsa (2007) enfatiza a importância da transferência na pesquisa psicanalítica, já que esta é um conceito essencial no olhar psicanalítico:

[...] não podemos deixar de pensar no ‘fenômeno de transferência’ como uma vicissitude da psicanálise e da pesquisa psicanalítica. Seja qual for sua forma de implicação na relação que se estabelece, sabemos que a transferência é inerente ao processo de conhecimento do objeto, seja no tratamento analítico seja na pesquisa propriamente dita. (Consultado em <http://www.psicanaliseefilosofia.com.br/textos/pesquisa_psic_analise.pdf>. Acesso em Jun 2007).

O sujeito da psicanálise é o do inconsciente, inclusive na pesquisa psicanalítica. Dessa forma, seus resultados são baseados na relação estabelecida entre o pesquisador e o participante e poderia ser modificada se acaso um destes ou ambos fossem outros indivíduos, já que há, como explicitamos aqui, cargas trazidas de todos os envolvidos em um trabalho de pesquisa científica.

Esta questão também é discutida por Iribarry (2003, p.117):

A pesquisa psicanalítica, justamente por trabalhar com a impossibilidade de previsão do inconsciente, não poderia jamais exigir uma sistematização completa e exclusiva. Sabemos que o trabalho de análise, em especial quando forma um analista, prioriza o estilo e a marca singular daquele que se coloca como analista para um outro. Assim é com a pesquisa psicanalítica. Ela é sempre uma apropriação do autor que depois de pesquisar o método freudiano descobre um método seu, filiado a essa vertente e o singulariza na realização de uma pesquisa.

O método de pesquisa psicanalítico leva-nos a uma forma diferenciada de fazer ciência, pois é um processo que se constrói no decorrer do trabalho, tomando forma de acordo com o movimento que surge durante a aplicação do método. Lowenkron (2005, p.162) afirma que “A psicanálise, na qualidade de ciência, força uma redefinição do campo das ciências, ou seja, obriga a abertura de espaço para ser recebida, não se conformando ao espaço existente.”.

Assim como toda pesquisa ligada ao método psicanalítico, nosso trabalho busca voltar um olhar diferenciado tanto para os seus participantes (seja pesquisador ou entrevistados) quanto para o conhecimento e para a ciência, de modo a defender que estes são construídos a todo instante principalmente de acordo com as relações estabelecidas.

Esta breve discussão sobre o método psicanalítico mostra-nos que há uma quebra de paradigmas e uma forma diferenciada de fazer ciência, o que passa a ser um dos desafios deste trabalho.

Outro desafio está relacionado ao fato do Projeto Sentinela ser um trabalho de cunho social e ser abordado nesta pesquisa, que adota uma perspectiva psicanalítica. Diante disto, é relevante uma reflexão sobre a

presença da psicanálise no contexto social, indo além, portanto, das paredes de um consultório.

1.2.2. Psicanálise e contexto social

A psicanálise é considerada, de uma forma geral, como uma teoria voltada para o indivíduo, buscando interferir única e exclusivamente em questões subjetivas e pessoais do sujeito, o que a faz caminhar, aparentemente, em sentido contrário ao social. Entretanto, buscaremos aqui mostrar o oposto, já que assumiremos a idéia de que a psicanálise pode ter grande atuação junto ao contexto social.

Tenório (2000) afirma que a ética da psicanálise deve levar o sujeito a assumir a responsabilidade pelo funcionamento do social, não sendo, portanto, uma ética limitada ao indivíduo. Para este autor, a concepção da psicanálise como fazendo parte de uma cultura individualista vem da perspectiva da antropologia social, que vincula as ideologias individualistas com os saberes psi (incluindo-se, então, a psicanálise).

No entanto, é de se questionar, como salienta Tenório (2000), se o fato da psicanálise vigorar em um universo individualista, como afirma a antropologia social, faz com que ela seja, em si mesma, uma prática individualista.

E Tenório (2000) responde esta questão:

[...] só na configuração individualista de valores a psicanálise pode advir e vicejar. Até aí não há divergência, nem problema teórico: poderia a psicanálise ou qualquer outra prática não ter como condição de possibilidade a situação cultural na qual floresceu? Usando de alguma ironia: se as condições de possibilidade da psicanálise não fossem as condições culturais vigentes, ela não encontraria suas condições de possibilidade. (Consultado em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702000000200006&ing=pt&nm=iso Acesso em 03 Mai 2007.)

Falar sobre psicanálise e contexto social é bastante complexo e abrangente, mas pensando nas obras de Freud referentes ao tema, podemos citar principalmente *Totem e Tabu* (1913[1912-1913]/1976), *O Mal-Estar na Civilização* (1930[1929]/1976), *Moisés e o Monoteísmo* (1939/1976), *Psicologia das Massas e Análise do Ego* (1921/1976) e *O Futuro de Uma*

Ilusão (1927/1976). Assim, Freud afirma que os aspectos próprios da civilização são a organização social e as representações coletivas, ambas com a função de garantir a subsistência dos indivíduos, que se organizam socialmente para crescerem diante das forças da natureza.

Mezan (1990, p.483), ao discutir este assunto, esclarece que:

[...] a noção de “necessidades vitais” remete à de pulsão, de sorte que a satisfação das primeiras é imediatamente satisfação das exigências pulsionais. Ora, todo enigma da civilização consiste em que, para satisfazer estas exigências (...) o indivíduo é obrigado, pela desproporção entre seus meios físicos e a violência da Natureza, a associar-se a outros indivíduos (...).

Podemos perceber, então, que partindo do individual, surge a necessidade das vivências e relações interpessoais, dando início à vida em sociedade a partir das pulsões de cada sujeito.

Rodrigues (1992) afirma que o processo analítico nos permite pensá-lo não como uma individuação e sim como uma captação de multiplicidades, ou seja, ligada a vínculos e a diferentes grupos e instituições. Assim, é possível afirmar que o indivíduo é um ser múltiplo e que vive pautado nas relações interpessoais, sendo que a psicanálise, desde Freud, nos permite partir do indivíduo e voltar-se para uma visão mais ampla, a social.

Souza (1991), fundamentado em Lacan, mostra que a psicanálise se distingue em intensão e extensão. No primeiro caso, o psicanalista deve dar conta de sua própria análise para, assim, dar conta também de seu lugar na relação terapêutica. Já no segundo caso, ele deve colocar a psicanálise presente no mundo, de modo a causar uma mudança além da individual, além daquela que faz alguém adquirir aquisições que o levariam a conviver melhor em sociedade. A psicanálise em extensão deve proporcionar mudanças profundas e um sintoma social que modifique a relação do sujeito com seu ato.

Na introdução de *Psicologia das massas e análise do ego*, Freud (1921/1976, p.91) não faz a separação entre psicologia social e individual, colocando-as como interdependentes:

[...] raramente e sob certas condições excepcionais, a psicologia individual se acha em posição de desprezar as relações desse indivíduo com os outros. Algo está invariavelmente envolvido na vida mental do indivíduo (...) de maneira que, desde o começo, a psicologia individual, nesse sentido ampliado mas inteiramente justificável das palavras, é, ao mesmo tempo, também psicologia social.

Enriquez (2005) faz um paralelo entre a atuação das ciências sociais e da psicanálise, de modo que ambas objetivam a criação e a evolução do laço social. Para ele, as ciências sociais visam entender a interação dos indivíduos, como se formam as sociedades, seus comportamentos econômicos e políticos, entre outros. No entanto, nas ciências sociais não se inclui a compreensão dos processos inconscientes que desencadeiam os fenômenos por elas estudados, sendo este o papel da psicanálise.

Ainda de acordo com este autor, a maneira como os fenômenos são sentidos e experienciados e os temores e as formas como os indivíduos sociais compreendem as ações não podem ser analisados pelas ciências sociais. Há ainda, como trabalho para a psicanálise, o imaginário individual e social, além dos processos de identificação, recalçamento, repressão, sublimação etc, que são demandas das sociedades em que vivem os indivíduos.

Assim, é possível considerarmos que a psicanálise não é só individual como também social; é coerente afirmarmos que seu espaço vai muito além de um divã e das paredes de um consultório clínico, possibilitando-nos sua atuação também em instituições, em fenômenos sociais e tantos outros lugares onde se encontram pessoas interagindo umas com as outras.

1.2.3 Procedimentos, técnicas e os participantes da pesquisa

Em coerência com as características de uma pesquisa qualitativa psicanalítica, utilizamos como técnica a entrevista semi-estruturada, o genossociograma e uma contextualização social dos sujeitos e de suas realidades.

Foram realizadas entrevistas com três adolescentes do sexo masculino, integrantes do Projeto Sentinela de Godoy Moreira/PR, vítimas de violência física exercida pela figura paterna e a quantidade de entrevistas com cada adolescente ocorreu de acordo com a demanda do momento. A escolha dos participantes deu-se

a partir da disponibilidade e do desejo de cada um em colaborar com a pesquisa, que se realizou no local onde se desenvolvem as atividades do Projeto Sentinela, com a intenção de obtermos a maior privacidade possível.

O primeiro participante da entrevista recebeu o nome fictício de Gabriel, de 14 anos. Frequentava a 7ª série do ensino fundamental e faz parte do Projeto Sentinela desde o início de 2007. Sua inserção no Projeto se deu porque seu irmão, por estar cometendo pequenos furtos, foi espancado por seu pai e vizinhos fizeram a denúncia, possibilitando intervenção do Conselho Tutelar e o encaminhamento de todos os irmãos para o Projeto Sentinela. A partir deste fato realizaram-se investigações e constatou-se que todos os filhos eram vítimas de violência. Gabriel é o mais velho entre seis irmãos, e a mais nova apresenta problemas cardíacos, exigindo toda a atenção de seus pais.

Renda mensal baixa, o pai é aposentado, a mãe doméstica e recebem ajuda de programas sociais do governo federal.

O segundo a participar de nosso trabalho tem 16 anos e é chamado por nós de Adriano. Cursa o 1º ano do ensino médio e passou a fazer parte do Projeto Sentinela também no ano de 2007, através de denúncias realizadas por vizinhos e encaminhamento do Conselho Tutelar. Os pais do adolescente são bastante resistentes e só permitem que trabalhem com Adriano por imposição da lei, mas não se mostram receptivos em relação à nossa intervenção.

Vivem do trabalho na lavoura e são bastante humildes, porém não apresentam necessidades financeiras.

Nosso último entrevistado é chamado de Bruno e tem 16 anos, sendo o mais velho entre cinco irmãos. É integrante do Projeto Sentinela desde 2005, por denúncia feita pela escola relacionada à queda do rendimento escolar. O contexto familiar é bastante conturbado e todos os filhos sofrem negligência familiar, tanto paterna quanto materna. Atualmente vive com a mãe, desempregada, e se sustentam apenas com a renda enviada esporadicamente pelo pai, pois recentemente deixou de receber benefício do governo federal porque Bruno não está frequentando a escola, tendo parado na 7ª série do ensino fundamental.

Nos trechos das entrevistas, transcritos para a análise dos dados, cada adolescente é identificado pela letra inicial de seu nome fictício (G, A e B, respectivamente) e a letra “E” representa o entrevistador.

Não podemos deixar de ressaltar a atenção ao cumprimento da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, relacionada aos procedimentos éticos da pesquisa. Foi solicitada aos pais ou responsáveis pelo adolescente a permissão por escrito para a realização da entrevista, além do esclarecimento para todos os entrevistados dos procedimentos adotados para a sua realização (em anexo). As entrevistas foram gravadas, visando melhor análise e maior credibilidade dos dados, com acesso exclusivo aos pesquisadores.

O contato permanente com o conteúdo das entrevistas favoreceu a compreensão das falas dos entrevistados, essenciais para uma análise de abordagem psicanalítica, e que proporcionou a possível realização de um trabalho posterior com os adolescentes, tanto terapêutico quanto social, além de orientações junto à família de cada um dos participantes.

- Até chegar às técnicas e aos procedimentos...

Foi um longo percurso até definirmos os procedimentos e as técnicas desta pesquisa. Após longas reflexões, concluímos que os dados que necessitamos poderiam ser obtidos através de um trabalho exclusivo com o adolescente, pois o importante para nós é a representação que ele tem do ato violento e da postura do pai.

Quanto às técnicas, a utilização da entrevista nunca foi questionada por ser considerada uma prática pertinente em uma pesquisa qualitativa. A proposta da utilização do genossociograma veio como uma complementação da entrevista com o adolescente, possibilitando-nos ter uma visão geracional da família do entrevistado sem necessariamente entrevistar outros membros desta instituição.

Por fim, a visita domiciliar e as informações obtidas através do prontuário do adolescente nos fornecem dados tanto familiares quanto sociais e econômicos e nos possibilitam, juntamente com as outras técnicas propostas, a visão do todo (ou ao menos de uma grande parte) da família na qual o participante de nossa pesquisa faz parte.

Definidos os procedimentos e as técnicas, discutiremos a seguir cada um de forma específica.

1.2.4. A entrevista como instrumento

A técnica de entrevista é um procedimento muito utilizado em pesquisa qualitativa, por proporcionar uma gama de informações extremamente relevantes, não apenas pelas palavras, mas também por gestos, expressões e atitudes do entrevistado frente ao entrevistador.

Para Fraser e Gondim (2004), algumas das vantagens da entrevista na pesquisa qualitativa é o favorecimento da relação entrevistador/entrevistado, tanto por trocas verbais como não verbais. Ainda segundo elas, há, com isso, uma compreensão da opinião e dos significados dados pelos entrevistados em relação às situações e vivências pessoais, além dos valores existentes no sujeito.

Também neste sentido, Silva, Macedo, Reboucas, *et al* (2006), afirmam:

Em relação à entrevista, quase todos os autores reconhecem que ultrapassa os limites de uma técnica. Na pesquisa qualitativa, onde o pesquisador ocupa-se mais da profundidade do objeto de estudo, a entrevista é um instrumento indispensável, pois pode facilitar a compreensão detalhada das crenças, sentimentos, atitudes e valores. (Disponível em <http://www.portalbvsenf.eerp.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-42852006000200028&lng=pt&nrm=iso> Acesso em 23 Out 2007)

A utilização da entrevista dentro da pesquisa científica vem aumentando consideravelmente, de acordo também com o advento da pesquisa qualitativa, já que, diante das características desta forma de pesquisa, a entrevista responde diretamente à sua demanda.

Silva, Macedo, Reboucas, *et al*, (2006), afirmam que são várias as razões para o intenso uso da entrevista na pesquisa social. Entre elas, há a possibilidade de se obter dados de diversas áreas da vida social, com dados profundos referentes ao comportamento humano, a oportunidade de se trabalhar com pessoas analfabetas, além da privacidade em pesquisas individuais e do contato mais próximo com o entrevistado, que pode explicitar ou demonstrar suas dúvidas.

As diferentes formas de entrevista são discutidas por Fraser e Gondim (2004), e são classificadas em estruturadas, semi-estruturadas ou não estruturadas. Nesta pesquisa em especial, tendo as justificativas acima como referência, consideramos a entrevista

semi-estruturada como sendo a técnica que melhor se enquadra dentro dos nossos objetivos.

Fraser e Gondim (2004) discutem sobre a entrevista semi-estruturada, em que o pesquisador pré-estabelece os itens referentes ao seu objeto de estudo, mas que contém também um número de perguntas abertas e ainda mantém a possibilidade de intervenção do pesquisador para esclarecimento e aprofundamento de algum aspecto que ajude na compreensão.

Serão utilizados, neste trabalho, itens norteadores, que visam possibilitar um grau de liberdade sem ocorrer, em contrapartida, a fuga de nossos objetivos. E esta forma de trabalho é explicitada por Gaskell (2002), que afirma ser comum a elaboração de tópicos para orientar a condução da entrevista, sem por isso limitar o aprofundamento de questões importantes para a pesquisa.

Os itens norteadores da entrevista com os adolescentes foram elaborados buscando analisar como eles se posicionam diante da figura paterna, do ato de violência sofrido e como assimilam isto em suas vidas. Também objetivamos compreender a visão que os entrevistados têm de seus respectivos pais e de qual o papel da figura paterna, para que, conseqüentemente, busquemos qual o significado de masculinidade presente nestes adolescentes, além da relação que eles estabelecem entre masculinidade e paternidade. Finalmente, buscamos conhecer a visão de perspectivas dos participantes em relação à própria paternidade e a maneira como compreendem seu histórico familiar.

Portanto, essa entrevista terá como pontos para reflexão:

- As causas que levam o pai a exercer violência física sobre ele;
- A reação que o adolescente tem no momento da agressão e a reação que ele considera ideal nestas ocasiões;
- As situações que ele acha que a violência familiar se justifica;
- A visão que o entrevistado tem do próprio pai;
- Há a pretensão da paternidade e como planeja ser como pai;
- A visão e postura do adolescente diante de seu histórico familiar.

Esperamos que, a partir destes itens norteadores, seja possível a obtenção de dados que indiquem a concepção de masculinidade e paternidade existente nos adolescentes entrevistados, além da existência ou não de uma perspectiva de vida similar às suas próprias experiências.

1.2.5 O genossociograma

Além da entrevista semi-estruturada, será utilizado como técnica o genossociograma. Este consiste no mapeamento das configurações familiares, sendo uma representação gráfica das diversas gerações de uma família. Esta representação se dá por meio de círculos e quadrados, simbolizando respectivamente indivíduos do sexo feminino e masculino, além das uniões feitas e desfeitas e dos filhos originários delas.

Castoldi, Lopes e Prati (2006) descrevem algumas das muitas eficácias desta técnica, afirmando que o genograma permite a visão rápida e clara dos membros que constituem uma família, a existência de vínculos consangüíneos, a idade e ocupação de cada pessoa dentro da estrutura familiar. Ainda segundo estas autoras, através do genograma pode-se saber tanto a situação do sujeito quanto a dos casais, em relação às separações, divórcios e ainda a ocorrência de adoção, de aborto, de doenças sérias e mortes na família.

O genossociograma surgiu a partir do genograma:

O genossociograma é uma representação da árvore genealógica comentada (genograma), posta em destaque por setas sociométricas, por diferentes tipos de relações do sujeito, com vistas a seu envolvimento e aos vínculos entre as diferentes personagens: da co-presença, da coabitação, da coação, das díades, dos triângulos, das exclusões... (SCHÜTZENBERGER, 1997, p. 19-20)

Ao trazermos o genossociograma para nossa pesquisa, esperamos que esta técnica nos possibilite conhecer sobre a violência familiar no âmbito geracional, com a possibilidade de obtermos dados referentes à questão da transmissão psíquica.

O genossociograma será constituído juntamente com o adolescente, tornando-se possível conhecer o envolvimento que ele tem com sua família, o quanto ele conhece de sua história familiar e a maneira como ele lida com ela, sendo estes fatores importantes para a análise dos dados.

Esperamos construir o genossociograma em dois encontros: o primeiro recebendo todas as informações que o adolescente souber transmitir. O segundo para que seja dada oportunidade para ele pesquisar informações, perguntando o que desejar para seus familiares, desde seus avós até sua geração.

As técnicas descritas acima, tanto referentes à sua prática quanto às reflexões teóricas acerca de métodos e conceitos, buscam esclarecer da forma mais minuciosa possível o caminho a ser percorrido para obtermos os resultados que atendam aos objetivos propostos nesta pesquisa. Com isso, a coerência e a credibilidade na qual buscamos incansavelmente em nossos estudos passam a ser partilhados, de modo a colaborarmos tanto para o crescimento do conhecimento científico quanto para uma atuação social mais concreta e eficaz.

1.2.6 Análise dos dados

A análise do material foi realizada considerando não apenas o que foi dito pelos entrevistados, mas também a postura deles durante a entrevista e a produção do genossociograma, seja através da receptividade em relação ao tema, das contradições e dos silêncios que, segundo o referencial teórico utilizado, são constituídos de significados.

Houve sempre um cuidado com a coerência em relação à fundamentação teórica, com o objetivo final de abstrair as falas (e as “não falas”) que refletiram a concepção de masculinidade, de paternidade e de violência existente no participante da pesquisa.

Cada genossociograma foi analisado individualmente, assim como as entrevistas. Na análise destas foram formulados subitens a partir dos conteúdos trazidos pelos adolescentes, não havendo categorizações prévias. Em seguida, consideramos os dados obtidos através de ambas as técnicas, mais os já adquiridos através dos prontuários do Projeto Sentinela e da visita domiciliar, para chegarmos aos apontamentos acerca da situação vivida por cada participante.

A análise do genossociograma foi elaborada tanto em relação ao seu conteúdo quanto à postura do adolescente no momento de produzi-lo, e os dados obtidos através dos prontuários e da visita domiciliar possuem apenas um caráter descritivos, visando complementar os dados adquiridos pelas outras técnicas propostas.

Ao trabalharmos com adolescentes e com a representação de pai que eles têm, obtida por meio das técnicas descritas acima, abre-se espaço para uma reflexão acerca da família, que na contemporaneidade é o espaço no qual a relação pai e filho é permeada. Assim, apresentaremos uma discussão sobre a família, seus processos psíquicos e a formação do sujeito, com ênfase na transmissão psíquica.

CAPÍTULO II: FAMÍLIA E TRANSMISSÃO PSÍQUICA

A família é uma instituição que exerce um papel ímpar na vida do indivíduo, participando da formação da personalidade de cada pessoa.

Ao analisarmos a história, vemos que a instituição em questão não é estática, passando por diversas transformações ao longo dos tempos, o que nos leva à afirmação de que não existe família e sim famílias. Por vezes, essas variâncias todas convivem na mesma cultura, como se pode constatar na dificuldade em nomear as novas relações que surgem com os recasamentos ou grupos de convivência alternativos.

Assim, reconhecemos que em toda a estrutura familiar, seja nas relações, nos papéis pré-estabelecidos, nas funções psíquicas e sociais ou na moral e nos tabus, há um movimento constante de construção e desconstrução, dentro de um processo lento e gradual sempre presente.

Neste sentido, como forma de ilustração, podemos considerar a família dos séculos XVI e XVII que, segundo Bruschini (2000), não vivia isolada, inexistindo a separação entre público e privado. A família não exercia função afetiva e nem socializadora, dando-se pouca importância à vida doméstica, aos cuidados maternos e ao cuidado com as crianças. Seu objetivo visava a conservação dos bens, a prática de um ofício e a proteção da honra, diferentemente do papel exercido atualmente pela instituição familiar.

Segundo Valente (1995), no século XIX a estrutura familiar sofre uma dentre tantas mudanças ao longo da história: surge o controle da natalidade, que até então era bastante alta, devido à necessidade de muita mão-de-obra para o trabalho na terra. A redução no número de filhos, segundo esta autora, possibilitou maior proximidade entre pais e filhos e a perda destes passa a ser dolorosa em decorrência da afetividade, até então inexistente. Há, conseqüentemente, maior preocupação com a educação, carreira e futuro das crianças. Portanto, vemos que a afetividade dentro do contexto familiar também faz parte do processo histórico e cultural que a família viveu e continua vivendo.

Com o surgimento da afetividade dentro da família e com a ênfase no privado, o modelo nuclear foi adquirindo forças, sendo este vigente na sociedade ocidental atual, apesar de, gradativamente, outras formas de famílias estarem surgindo, como as formadas por relações homoparentais ou as que têm a ausência da figura materna ou paterna dentro do formato nuclear.

Desta forma, torna-se claro que também atualmente o grupo familiar vive um processo de mudança, adquirindo características da modernidade, como nos mostra Camargo e Valente (2005, p.27):

A modernidade, enquanto paradigma norteador de uma nova ordem psíquica (no nível do indivíduo-sujeito), social, econômica, política, cultural e científica, mantém-se numa dinâmica de constantes mudanças e adaptações. Com ela vão se adaptando e mudando o sujeito, a família e a sociedade e cada qual, na luta por uma identidade consolidada, vivencia a experiência de resistir ou de desejar o “novo” ao passo que também deseja e rejeita o retorno do passado.

Assim, em decorrência deste processo de transformação e de busca da identidade, tornam-se difíceis definições exatas acerca da instituição familiar, já que há uma constante (des)construção em relação à sua posição e papel na sociedade.

Entretanto, dentro desta perspectiva, Eiguer (1985) afirma que a família é uma realidade inconsciente para cada membro, ou seja, por mais que se afirme que a família moderna está se fragmentando devido a divórcios, produções independentes ou qualquer outra forma de constituição e reorganização, ela se faz presente através de representações do vínculo e do coletivo grupal. Ainda segundo este autor, a família é composta de membros que têm, dentro do grupo, modalidades de funcionamento psíquico inconsciente diferentes de seu funcionamento individual.

Assim, considerando aqui as teorias de grupo de base psicanalítica e partindo da premissa de que a família é também um grupo, podemos considerar outro movimento e outras características desta instituição.

2.1. A FAMÍLIA E O SUJEITO DO GRUPO

Ao falar sobre grupos, Freud (1921/1976, p. 92), em sua obra *Psicologia de grupo e análise do ego*, refere-se às relações entre indivíduos, de modo a considerar que:

A psicologia de grupo interessa-se assim pelo indivíduo como membro de uma raça, de uma nação, de uma casta, de uma profissão, de uma instituição, ou como parte componente de uma multidão de pessoas que se organizaram em grupo, numa ocasião determinada, para um intuito definido.

Baseados nesta afirmação podemos considerar a família como sendo um grupo, pois se organiza a partir do encontro de pessoas que se relacionam. Neste sentido, ainda na mesma obra, Freud (1921/1976, p.91) afirma que:

As relações de um indivíduo com os pais, com os irmãos e irmãs, com o objeto de seu amor e com seu médico, na realidade, todas as relações que até o presente constituíram o principal tema da pesquisa psicanalítica, podem reivindicar serem consideradas como fenômenos sociais¹.

Assim, a psicanálise nos permite considerar o indivíduo dependente das relações em se tratando de sua formação psíquica, e a família colabora para este seu desenvolvimento.

Esta idéia do indivíduo como dependente do grupo levou Eiguer (1985) a defender a teoria grupalista familiar, que coloca a família como sendo um grupo diferenciado em relação a qualquer outro, possibilitando-nos, com isso, entender a razão pela qual a transmissão psíquica e os vínculos construídos dentro de um contexto familiar são tão relevantes para a formação de um indivíduo.

De acordo com Eiguer (1985), Spitz criou um conceito denominado organizador, que é definido como um processo de maturação da estrutura psíquica que se dá em decorrência tanto de elementos interiores quanto exteriores ao indivíduo. Esta idéia foi utilizada por Kaës e Anzieu no processo evolutivo dos grupos informais.

Eiguer (1985) inseriu, então, o conceito de organizador dentro do contexto familiar, e enfatizou sua importância para a formação e consolidação da família:

Fator de maturação e apaziguamento, o organizador familiar implica um salto progressivo na consolidação dos vínculos recíprocos. Do ponto de vista econômico, o organizador familiar reativa antigos investimentos, redistribuindo suas cargas pulsionais. Do ponto de vista tóxico, o organizador permite a aparição (frequentemente, a reaparição) das instâncias coletivas como, por exemplo, o objeto-grupo familiar. Em outras palavras, a família tornar-se-á, por causa do

¹ O termo “fenômenos sociais”, utilizado por Freud no trecho transcrito, faz menção à psicologia social que, em sua obra, é colocada como sinônimo de psicologia de grupo. Um exemplo se encontra já no primeiro parágrafo da obra, onde é colocado: “ O contraste entre a psicologia individual e a psicologia social ou de grupo...” (p. 91)

organizador, um grupo constituído por indivíduos que possuem uma representação inconsciente deste grupo, no interior de seu próprio aparelho psíquico...(EIGUER, 1985, p.29)

Não é cabível, neste momento, um detalhamento em relação aos diversos organizadores elaborados por Eiguer (1985), mas podemos afirmar que os vínculos familiares advêm desta idéia defendida por este autor. Este fato possibilita diferenciar a família de qualquer outro grupo, sendo, de forma especial, o vínculo libidinal-objetal aquele que prioriza tanto os investimentos objetais permanentes de cada membro quanto a interação entre estes.

Ainda de acordo com Eiguer (1985), há três tipos de vínculos libidinais: o de filiação, que é entre pai e filho; o de aliança, que é entre esposo e esposa e o de consangüinidade, que é entre irmãos. Podemos perceber, a partir daí, que o vínculo libidinal-objetal estrutura o grupo familiar de modo a definir sua forma de interação, seja emocional, social ou hierárquica. Também é possível afirmarmos que esta forma de vínculo familiar permite evocar as genealogias precedentes e a história de cada grupo familiar, até mesmo de forma inconsciente.

Neste sentido, nos remetemos a Kaës (2001) com considerações referentes ao sujeito do grupo, sendo este o sujeito do inconsciente. Para este autor, “O grupo precede o sujeito do grupo” (p.13), ou seja, cada indivíduo tem uma pré-história que ocorre antes mesmo de seu nascimento, sem a chance de escolher fazer ou não parte deste grupo já existente e sendo o grupo condição para a existência do indivíduo.

Portanto, fazemos parte efetiva de nossa história com possibilidades de escolhas após o nosso nascimento, mas até lá, somos “o sujeito de um conjunto intersubjetivo, cujos sujeitos nos têm e nos mantêm como servidores e herdeiros de seus ‘sonhos e desejos insatisfeitos’, de seus recalcamientos e suas renúncias, na malha de seus discursos, de suas fantasias e de suas histórias”. (KAËS, 2001, p. 13).

Quando pensamos em uma formação familiar e a consideramos como o grupo que nos precede, é pertinente observamos que um casal que se forma traz consigo heranças de duas famílias cada um (das famílias de seus pais e de suas

mães). Podemos também partir das gerações dos avós, o que seria considerar que cada um traria para a nova família heranças de quatro famílias (dois avôs e duas avós). Assim, como afirma Castro e Waideman (2005, p.33), “aventurar-se a percorrer os labirintos das relações familiares e ir ao encontro do desconhecido, é também deparar-se com tesouros escondidos”.

Assim, diante de tantos desconhecidos, de não ditos, das relações estabelecidas no grupo familiar, consideramos que a afirmação de Kaës (2001, p. 12), de que o “sujeito do grupo se constitui como sujeito do inconsciente...”, nos mostra que a família vai além de um agrupamento de pessoas com papéis pré-estabelecidos socialmente: ela é um encontro de particularidades que tomam diferentes significados dentro da vida grupal, surgindo um funcionamento inconsciente muito particular em cada grupo familiar.

Desta forma, o funcionamento familiar é bastante complexo, por abranger questões inconscientes e histórias diversas que se convergem e, considerando esta complexidade, iniciaremos agora uma discussão acerca da transmissão psíquica; processo inevitável que ocorre dentro da vida grupal e que, sem a utilização de palavras, diz muitas coisas sobre os movimentos e as relações familiares.

2.2. TRANSMISSÃO PSÍQUICA ENTRE AS GERAÇÕES

Os estudos sobre transmissão psíquica trouxeram novas reflexões para a compreensão da família, por meio da análise do funcionamento dos vínculos afetivos que contribuem de forma significativa na vida psíquica de cada pessoa.

A transmissão, sendo um conceito psicanalítico, a essência da idéia de transmissão psíquica aparece inclusive nas obras de Freud, apesar de não ter sido profundamente elaborada por este autor. Em *Totem e Tabu*, Freud (1912-13/1976) afirma que há o mito do parricídio e, conseqüentemente, a proibição do incesto, existindo, com isso, um tabu que, ao ser transmitido, deu formas a uma organização social. Para Freud, o totemismo teve participação inclusive na origem da moral e da religião.

Também podemos citar *Introdução ao Narcisismo* (1914/1976), onde é colocado que o bebê é depositário dos sonhos e desejos não realizados por seus pais, havendo, então, uma continuidade da vida psíquica entre as gerações.

Severo (2006) ainda cita diversos textos escritos por Freud onde a hereditariedade psíquica é mencionada: *Estudos sobre a histeria* (1895), *A interpretação dos sonhos* (1900), *Luto e melancolia* (1916), *Psicologia das massas e análise do ego* (1921), *O ego e o id* (1923), *Análise terminável e interminável* (1937) e *Moisés e o monoteísmo* (1939), entre outros.

Através dessas obras freudianas constatamos que a idéia de transmissão psíquica aparece em diversos momentos. A psicanálise, desde seu início, deu espaço para que os teóricos da família pudessem se aprofundar neste tema, vital para o funcionamento e a preservação da instituição familiar.

Entretanto, antes de entrarmos diretamente na atuação da transmissão psíquica no grupo familiar, abordaremos alguns conceitos essenciais para esta discussão.

2.2.1. Alguns conceitos

Pensar na transmissão psíquica é considerar, antes do sujeito, os vínculos estabelecidos nas relações grupais, pois, segundo Piva (2006), são eles que moldam tanto a relação do sujeito com o objeto quanto o sujeito pulsional.

O aparelho psíquico elabora representações e simbolizações tanto em relação à distribuição dos vínculos estabelecidos quanto referentes à sua incidência com a realidade externa, existindo três espaços no aparelho psíquico que possibilitam um mundo diferenciado de acordo com o estímulo recebido. Piva (2006) define estes espaços como sendo o espaço intrapsíquico, intersubjetivo e o transubjetivo. Segundo esta autora, o primeiro se constitui no mundo interno do indivíduo, formado por suas fantasias e representações e depende do outro para existir, apesar de se mover independente da sua presença. O espaço intersubjetivo consiste na interação com o outro, inclusive com experiências de sentimentos como amor e ódio, sendo essencial a presença do outro, e o transubjetivo que é o espaço sociocultural, com contatos ligados às crenças, valores, ideologias, tragédias sociais, entre outros.

A existência destes três espaços psíquicos mostra-nos que há uma interação entre a subjetividade do indivíduo (suas fantasias e representações) com o meio social em que vive e com suas relações interpessoais, havendo, assim, seu desenvolvimento e a formação psíquica.

Compreendendo esses espaços, podemos afirmar que o estudo da transmissão psíquica possibilita:

[...] a noção de uma *tópica intersubjetiva*, onde o sujeito é pensado de modo *multidimensional* e não só como *sujeito do inconsciente* – ainda que esta seja uma das dimensões possíveis da subjetividade – e também como um *sujeito social, sujeito da história e sujeito do vínculo*. (PIVA, 2006, p.19).

Assim, na perspectiva apresentada, o sujeito não é visto de forma singular e sim como aquele que faz parte de uma rede intersubjetiva, de um espaço intersubjetivo. Segundo Kaës (2005), centralizar-se no vínculo permite conhecer a realidade psíquica, que constitui o espaço intersubjetivo de cada sujeito, possibilitando, assim, conhecer também sua relação com a organização do espaço intrapsíquico de cada um.

Há diferentes formas de transmissão psíquica que, de acordo com Correa (2003), se dividem em: intergeracional, que ocorre quando um material psíquico é transmitido de uma geração para outra, sendo estas próximas; transgeracional, que ocorre quando um material psíquico, de herança genealógica, não é transformado ou elaborado o suficiente para ser introjetado, havendo, então, lacunas na transmissão, o que significa que pode saltar uma ou mais gerações e se expressar adiante.

Neste sentido, Kaës (2005, p. 125-126) afirma:

[...] o conceito de vínculo intergeracional e transgeracional emerge como um conceito capaz de descrever os princípios e as modalidades da transmissão psíquica da vida e da morte entre e através das gerações. A esse eixo diacrônico, convém acrescentar a dimensão da sincronia, que considera vínculos entre sujeitos da mesma geração. [...] A questão do sujeito se define cada vez mais, necessariamente, no espaço intersubjetivo e, mais precisamente, no espaço e no tempo do geracional.

Quando falamos de transmissão, segundo Kaës (2005, p. 134), fazemos menção à “realidade psíquica que se transporta, desloca-se ou transfere-se de um sujeito para outro, entre eles ou por meio deles, ou em vínculos de um conjunto, quando a matéria psíquica transmitida transforma-se ou permanece idêntica, nessa passagem.”

Entretanto, para que esta transmissão psíquica ocorra, seja ela entre as gerações ou entre os membros de um mesmo grupo, Kaës (2005) afirma que é necessário que se efetuem as alianças inconscientes, que têm sua fundamentação baseada no pacto denegativo. Para este autor, o pacto denegativo são as diversas operações que ocorrem com o objetivo de constituir e manter o vínculo intersubjetivo, sendo elas o recalque, a denegação, a rejeição, entre outros. Deste modo, através das alianças inconscientes os sujeitos que integram um vínculo não ficam sabendo de seus desejos (que são inconscientes) e nem dos desejos dos que os precederam.

Portanto, as alianças inconscientes são inconscientes por si só, sendo “uma das maiores modalidades do processo de transmissão: o inconsciente de cada sujeito carrega traços, em sua estrutura e em seus conteúdos do inconsciente, de um outro e de mais de um outro.” (KAËS, 2005, p. 133).

A idéia da ocorrência da transmissão demanda uma reflexão a respeito do que é transmitido. Desta forma, surge-nos o conceito do Negativo, que se organiza, segundo Kaës (2001), a partir do que falta, do que falha e do que não surge, sendo este último relacionado com a ausência da inscrição e da representação. Ainda segundo Kaës (2005), a transmissão pelo Negativo se dá através do que não é lembrado, não foi inscrito ou elaborado, que não se encontra na psique dos pais e vai se depositar na psique do filho: a falta, a doença, os lutos não elaborados.

Há três tipos de negatividade:

(...) uma negatividade de *obrigação*, que corresponde à necessidade da psique de produzir o Negativo a fim de efetuar seu trabalho de ligação; a negatividade *relativa*, que situa o negativo em relação a um possível; uma negatividade *radical*, que coincide com a categoria do impossível, em outras palavras, daquilo que *não está* no espaço psíquico. (KAËS, 2005, p.98)

Na negatividade de obrigação, o objetivo é preservar um interesse maior, seja ele a própria organização psíquica, o próprio sujeito ou um outro que ele esteja ligado por um vínculo intersubjetivo. Na relativa, há a sustentação naquilo que já foi e não é mais, naquilo que poderia ser, ou naquilo que foi, mas não de forma suficiente. Por fim, a negatividade radical se situa a partir do que não existe, do que não está, do desconhecido e da ausência.

Outro conceito essencial a partir da transmissão psíquica é o de identificação que, para Kaës (2005, p.131), “são a matéria prima do vínculo.”

Segundo Laplanche e Pontalis (1988), identificação é a assimilação que um indivíduo faz de algo do outro, por meio de um processo psicológico, e o transforma de acordo com seu próprio modelo, de forma total ou parcial. Para estes autores, a constituição e a diferenciação da personalidade ocorre através de diversas identificações, ou seja, é por meio de assimilações e transformações de características do outro que se constitui a personalidade, o que torna a identificação um processo psíquico essencial para a constituição do indivíduo.

A partir dos conceitos apresentados e da maior compreensão do que é transmissão psíquica, é possível, neste momento, discutirmos mais especificamente sobre a presença e a atuação da transmissão psíquica dentro do grupo familiar.

2.2.2. O sujeito, a família e a transmissão psíquica

Pensar no indivíduo através da transmissão psíquica é vê-lo como herdeiro de matérias psíquicas presentes em gerações precedentes à sua, de forma que ele passa a ser parte constituinte de um grupo.

Para Kaës (2001), a transmissão psíquica colabora para a formação do inconsciente do indivíduo, podendo-se concluir, então, que o sujeito do Inconsciente é o sujeito da herança e, conseqüentemente, o sujeito do grupo. Assim, verificamos que não é possível, a partir da perspectiva adotada neste trabalho, considerar o sujeito ausente de seu grupo, isolado, pois a formação do seu inconsciente e de sua personalidade depende inteiramente do(s) grupo(s) no qual faz parte.

De acordo com Castro e Waideman (2005), a psique do ser humano é formada por uma duplicidade que se caracteriza pela individualidade e pela humanidade. Para essas autoras a individualidade é a apropriação de um legado seguida de sua sujeitificação, enquanto a constituição da humanidade se dá em cada um dos sujeitos, em cada psique individual. Portanto, ao pensarmos na transmissão psíquica não podemos deixar de considerar a subjetividade de cada indivíduo e sua maneira de interagir com o meio, além de sua forma peculiar de se apropriar do que lhe é transmitido de forma geracional.

Neste sentido, Correa (2001) refere-se a *Totem e Tabu* (1912-13), afirmando que nesta obra há a posição de Freud em relação à cultura e à tradição como via de transmissão. Para o fundador da psicanálise, a disposição psíquica do indivíduo deve ser estimulada por acontecimentos individuais, ou seja, o material psíquico recebido de forma geracional interfere na vida do indivíduo através de acontecimentos ocorridos na sua vida pessoal, inclusive e principalmente através dos vínculos familiares.

A atuação da transmissão psíquica na vida do indivíduo, segundo a referida autora, ocorre de modo a desencadear processos que desorganizam o espaço intrapsíquico e o intersubjetivo do indivíduo. Isto ocorre porque são espaços parcialmente heterogêneos (um direciona-se para a representação e outro para a interação) e que são diretamente atingidos por transmissões repletas de tabus, normas, desejos e expectativas.

Com isso, é possível afirmar que a transmissão psíquica exige de cada indivíduo uma energia psíquica ímpar, não havendo transmissão quando o foco volta-se apenas para o fator cultural. Há todo um envolvimento psíquico, com alterações estruturais e elaborações inconscientes de cada indivíduo envolvido.

O tecido vincular do grupo familiar é permeado pelas alianças e pactos inconscientes envolvendo a intersubjetividade (...). Trata-se de um acordo inconsciente que assegura a continuidade do investimento libidinal de autoconservação para cada sujeito e o conjunto (familiar-social) do qual forma parte. A criança, desde sua vinda ao mundo, é requerida para compartilhar os enunciados dos ancestrais, assegurando a continuidade geracional e a identidade familiar, às vezes, ao custo de sua integridade psíquica e até mesmo somática, já que estes enunciados poderão contradizer suas próprias percepções internas e externas.(CORREA, 2003, p. 40-41)

Portanto, é através da transmissão psíquica, entre outros, que podemos atribuir a perpetuação e a solidez da família, apesar de inúmeras mudanças sociais e históricas. Sabemos que não se pode atribuir a consistência da família a apenas um fator, mas Eiguer (1985) enfatiza o funcionamento inconsciente compartilhado e um conluio fantasmático entre os membros familiares. Com isso, pode-se dizer que a transmissão psíquica garante a continuidade do grupo familiar, que vai se perpetuando pela história.

No entanto, na transmissão psíquica não é introjetado somente o material psíquico considerado positivo. Há o conceito de fantasma que mostra claramente que essa transmissão também pode ser traumática e prejudicial para o desenvolvimento psicológico do indivíduo. De acordo com Schutzenberger (1997), o fantasma, dentro da transmissão psíquica, leva o indivíduo a agir de forma inesperada. O que ocorre na verdade é que, tendo a família vivenciado algo desagradável e de pouca aceitação, torna este fato um tabu que deixa de ser falado e as novas gerações não tomam ciência do acontecido. No entanto, através da transmissão psíquica, este fantasma interfere na vida da pessoa, de modo que a leva a agir influenciada por ele sem ter consciência disto.

Com isso é possível afirmar que há, em alguns momentos, o desejo inconsciente de interromper a transmissão psíquica, como colocam Castro e Waideman (2005, p.38):

Considera-se o impulso de transmitir como um imperativo inconsciente do qual depende a sobrevivência da espécie humana. No entanto surge eventualmente a urgência em interromper a transmissão, quando esta se caracteriza como fonte de sofrimento. No momento em que o indivíduo se vê invadido por forças de heranças violentas, identificadas apenas como um não-eu, tal qual uma possessão, torna-se impossível a elaboração do legado e assim se constitui a enfermidade.

Ao pensarmos na adolescência, que é o principal objeto de nossa pesquisa, torna-se necessária uma discussão específica sobre o processo de identificação neste período do desenvolvimento humano.

Dentro dos vínculos familiares a identificação ocorre constantemente, entre todos os membros da família. Entretanto, na adolescência este processo

se faz mais presente porque é neste período que o indivíduo busca auto afirmar-se diante de si, da família e da sociedade, havendo, então, uma particularidade na relação entre pai e filho dentro da fase em questão.

Portanto, podemos afirmar que a transmissão intersubjetiva faz-se presente na vida do adolescente de maneira inconsciente, de modo a levá-lo a introjetar o material psíquico paterno, através da identificação. Segundo Kaës (2001, p. 59), “Há transmissão intersubjetiva no movimento pelo qual o sujeito se identifica com o desejo ou com o sintoma do outro. O que se transmite de um a outro é um traço inconsciente comum (...)”.

Diante do papel crucial que a transmissão psíquica intersubjetiva destina à identificação dentro da família, podemos considerar a relação pai/filho, que é o foco desta pesquisa, como muito mais importante e conflitante do que se presume. Repleta de questões inconscientes, esta relação traz tanto para pai quanto para filho conflitos, comportamentos e posicionamentos muitas vezes considerados inexplicáveis, mas que dentro do contexto familiar e da transmissão psíquica são compreensíveis.

Assim, trataremos, a seguir, de discussões referentes à relação pai e filho que, no âmbito psicanalítico, é repleta de significações.

CAPÍTULO III: FUNÇÃO PATERNA

Ao discutirmos sobre a paternidade em psicanálise é necessário, inicialmente, diferenciarmos o pai real do pai simbólico. Esta diferenciação, originalmente teorizada por Lacan, está sucintamente apresentada por Dor (1991), que afirma que a noção de pai em psicanálise não está vinculada exclusivamente ao pai encarnado e sim simbólico, que ordena uma função. Segundo este autor, este pai simbólico é universal e independe de sexo, não havendo, então, vínculo com o papel de genitor e dependendo apenas de sua representação simbólica, sendo o pai real o representante do pai simbólico.

Para a psicanálise, o mito que cada família constrói sobre sua própria origem repousa em um mesmo mito elementar, que seria comum a toda instituição familiar, descrito por Freud como *mito da horda primitiva*.

Em *Totem e Tabu* (1913[1912-13]/1974) Freud mostra como se forma a instituição originária da sociedade humana, a partir do assassinato fundador, cuja memória é simbolizada no memorial (*totem*). Em torno da figura do pai morto, organiza-se uma complexa trama de relações e instauram-se interditos (*tabus*), que permitem a estruturação dos vínculos de pertença pela identificação ao totem e a transmissão de uma narrativa pela via mítica.

Portanto, questões referentes ao pai simbólico são esclarecidas, de modo que Freud explicita o poder exercido pelo pai, existente mesmo quando não presentificado ou após a sua morte. De acordo com esta obra, os homens primitivos viviam em bandos e deviam obediência total ao pai, que possuía todas as mulheres da horda. Os filhos amavam e admiravam o pai, mas o odiavam por representar um obstáculo aos seus desejos incestuosos. Tomados por ódio diante da submissão que viviam, se reuniram para matar e devorar o pai, a fim de se libertarem da tal tirania. Entretanto, se o que antes experimentavam pelo pai era um sentimento ambivalente de amor e ódio, depois do parricídio, a afeição que havia sido recalcada até então, aparece como remorso, sentimento de culpa. A partir daí é dado ao pai um caráter divino, originado pela culpa e veneração. Nenhum dos filhos assumiu o papel antes exercido por ele, as mulheres continuaram intocáveis e houve uma renúncia a toda satisfação que esperavam ter após a morte do pai.

Desta forma, este passa a ser a representação de um Deus, o que tornou sua palavra ainda mais forte após sua morte. Em decorrência do sentimento de culpa oriundo do parricídio, estipulam-se duas normas que passam a vigorar na sociedade

primitiva: a proibição do homicídio e do incesto, que surgem em forma de tabu. Portanto, em Freud a instituição familiar é uma instância criada a partir de um ato simbólico de renúncia e identificação com o interdito, abrindo caminho para a construção de vínculos de identificação e processos de simbolização.

De acordo com Maranhão (2005), o tabu do incesto exerce, segundo Freud, a função civilizadora de interdição e de barrar a satisfação pulsional imediata, através da lei. Esta deve se fazer presente para que se possa adquirir a ordem, passando-se do gozo desmedido à atividade desejante. Em outras palavras, Freud vislumbra uma solução para o conflito arcaico da humanidade. É a criação da própria cultura, da família – início do processo civilizatório.

É importante considerarmos a ligação entre *Totem e Tabu* e a teoria do Complexo de Édipo, sendo que esta explicita o desejo inconsciente de todo ser humano de cometer tanto o incesto quanto o parricídio, ambos condenados pelo totemismo.

Podemos perceber, a partir daí, o papel de interdição exercido pela figura paterna, que leva o indivíduo à vida em sociedade:

O drama edipiano, revivido na relação triangular pai-mãe-filho, põe em jogo a intervenção da autoridade externa, representada pelo pai, a fim de barrar o estado primitivo de fusão entre a mãe e o filho, permitindo que este se constitua como sujeito desejante, atravessado pela linguagem, delimitado em sua individualidade e capaz de direcionar ao mundo exterior sua busca de satisfação. Isto se dá através do necessário enlaçamento do desejo com a lei. (MARANHÃO, 2005, p.39)

Falar de função paterna implica, conseqüentemente, em falar do Complexo de Édipo, já que é neste momento que a figura paterna desempenha seu principal papel na formação do indivíduo. Entretanto, vale ressaltar que ao falarmos de Complexo de Édipo e de Castração, no contexto deste trabalho, estamos considerando seu desenvolvimento no menino, ao qual nossa pesquisa se direciona, pois estes mecanismos são descritos por Freud como diferenciados entre os meninos e as meninas.

Para Lacan, que se aprofundou nos estudos da Função Paterna, o Pai Real é um estranho, já que o filho está centrado em uma relação fusional com a mãe, na qual ele se coloca como sendo o próprio falo e a única fonte de prazer materno. A presença do Pai Real começa a suscitar na criança a consciência da existência de um intruso e de uma

rivalidade fálica em relação ao desejo da mãe. A partir desta rivalidade surge a figura do pai privador, interditor e frustrador e o pressentimento da existência do desejo da mãe diante do desejo do pai. Assim, o Pai Real toma caráter imaginário, e a figura privadora, interditora e frustradora do pai surge independentemente da postura do Pai Real. (DOR, 1991).

A partir da percepção do menino a respeito da existência de um falo concorrente surge a angústia e o medo da castração, que leva o filho a abdicar do desejo materno e passa a ser regulado pela exogamia, havendo, por consequência, o declínio do Complexo de Édipo.

Em decorrência de todo este processo, há a formação do Superego, que de acordo com Laender (2005, p.67), tem seu surgimento devido à “internalização da lei paterna e o aparecimento do sentimento inconsciente de culpa, gerado pelo masoquismo moral, que representa uma força poderosa para a submissão do ego”. Ao ser erigido o totem, que seria o substituto do pai e que se tornou mais forte e poderoso do que ele, o que antes era regulado pela violência e autoridade do pai, tornou-se regra inviolável criada pelos próprios filhos, através do processo psicológico denominado *obediência adiada*. Os filhos se uniram para o crime, mas continuavam rivais entre si, pois todos eles desejavam ocupar o lugar do pai e ter direito a todas as mulheres. Acabariam numa disputa de todos contra todos, já que nenhum deles tinha força e poder suficientes para substituir o pai. Então tiveram que instituir a lei contra o incesto, de modo que todos eles renunciassem às mulheres que desejavam, e que tinham sido a principal motivação para o parricídio. Foi, então, do sentimento de culpa filial que surgiram os dois tabus fundamentais do totemismo – que correspondem aos dois desejos reprimidos do complexo de Édipo: proibição do incesto e do assassinato do animal totêmico, ou do genitor do mesmo sexo.

Podemos, então, fazer uma síntese do que construímos até o momento no presente capítulo: a função paterna, existente em decorrência de um Pai Simbólico e não do pai real, exerce uma função interditora no desenvolvimento psíquico do indivíduo. O mito de *Totem e Tabu* retrata o poder exercido pelo pai, que estipula as leis, e os sentimentos ambivalentes existentes nos filhos, de ódio e amor, inveja e admiração. Estes sentimentos também estão presentes no Complexo de Édipo, no qual o pai exerce função interditora dos desejos libidinais do filho, que abre mão do desejo pela mãe em benefício da preservação do seu falo. A culpa decorrente deste

desejo faz desenvolver o Superego, responsável pela interdição, possibilitando, com isso, a vida em sociedade.

Nas últimas linhas de *Totem e Tabu*, Freud (1913[1912-13]) apresenta a hipótese de uma psique de massa, segundo a qual cada indivíduo possui uma herança arcaica da humanidade, em que se encontram conteúdos ideacionais e vestígios das experiências de gerações anteriores. Então, de acordo com essa hipótese, o sentimento de culpa filial sobreviveria no inconsciente de indivíduos nascidos milhares de anos após o parricídio, e que nada poderiam saber a respeito desse ato original.

A hipótese da psique de massa explica não apenas a continuidade da vida psíquica, mas a transmissão das características e a própria formação do inconsciente. Uma das formas pelas quais os “ideais” (valores, crenças, expectativas, aspirações) dos pais são transmitidas à criança (de geração a geração) é através do mito familiar. Cada família estrutura uma narrativa mítica única, que sedimenta os laços imaginários que se soldam nos laços de sangue e que permite a cada membro da família desenvolver suas relações de pertença ao grupo familiar. Quanto mais o indivíduo é capaz de agir segundo o mito dominante em sua família, mais ele é aceito como um membro que compartilha os valores e crenças comuns que sustentam aquela instituição familiar.

Segundo Freud, ainda que cada família constitua seu próprio mito particular, toda comunidade humana é tributária dos mesmos elementos fundadores.

Totem e Tabu retrata o surgimento de leis que possibilitaram a continuação da vida grupal, ou seja, um enfoque social a partir do pai representado pelo Totem. O Complexo de Édipo, por sua vez, é um processo inconsciente, elaborado a partir de experiências psíquicas individuais. Entretanto, vimos a relação existente entre estas teorias psicanalíticas, que nos apresentam a figura paterna de forma mais abrangente. Neste sentido, uma citação feita por Monteiro (2001, p.51) possibilita-nos compreender tal função:

Como catalisador do processo de conexão, do indivíduo ao coletivo, ou do sujeito a sua sociedade, está a função paterna que é a representação da cultura na qual o indivíduo deverá ser inserido, e que traz a lei onde se lê interdição. A cultura é o código do coletivo e a função paterna é quem introjeta a cultura no indivíduo. A cultura fornece a baliza para controle dos homens e para que ela mesma se mantenha. A função paterna determina o enquadramento do homem para que a cultura se reproduza.

Como o mito se transmite transgeracionalmente, todo grupo familiar se sustenta na violência que deu origem à primeira família, a partir da horda primitiva. O mito da rebelião dos filhos em relação à tirania do pai, que culmina com seu assassinato (parricídio) será reencenado, de forma subliminar, por todos os que compartilham o mesmo espaço simbólico delineado por cada família. O arrependimento posterior dos filhos, que os levam a se unir novamente em torno da necessidade de reverenciar a memória paterna, construindo para tanto o memorial (totem) e organizando leis de interdição, será revivido de forma particular por cada nova família, em um nível inconsciente. Assim, toda família construiria seu mito fundador, com o intuito de manter velados os fundamentos que a originaram, ou seja, a violência originária.

Portanto, a partir da idéia desenvolvida neste capítulo, podemos relacionar a paternidade ao Pai Simbólico, que exerce uma função interditora, não necessariamente ao pai que apresenta fatores ligados à consangüinidade.

Quanto ao presente trabalho, as famílias para as quais ele se direciona têm em comum a presença de ao menos um adolescente do sexo masculino, vítima de violência doméstica. Este ato, nos casos aqui estudados cometidos pela figura paterna, pode acarretar diversas conseqüências para o adolescente, discutidas a seguir.

CAPÍTULO IV: VIOLÊNCIA FAMILIAR E ADOLESCÊNCIA

A violência na família, independente de seus significados e de suas causas, é uma questão que deve ser problematizada, já que suas conseqüências são drásticas tanto no âmbito social quanto no psicológico.

Quanto às questões conceituais, o termo violência doméstica faz menção à violência ocorrida dentro da família, seja esta dos pais sobre os filhos, dos filhos sobre os pais, dos pais entre si ou entre irmãos. Neste contexto, inclui-se a violência física, psicológica, sexual, negligência e ou abandono (NEUMANN, 2000).

Neste capítulo buscaremos problematizar a violência dentro do contexto familiar, de modo que possibilite compreender como este fenômeno interfere não apenas na vida do agredido em particular como também em todo o movimento familiar.

4.1. A VIOLÊNCIA ATUANDO NO CONTEXTO FAMILIAR

Para Azevedo (1995), a violência é uma relação hierárquica de poder que visa dominação, exploração e opressão. Suas causas são várias, como fatores sócio-econômicos-culturais, psicológicos e situacionais, sendo, então, multicausal.

A violência contra a criança esteve presente antes mesmo da criação do conceito de infância, o que se confirma através de Guerra (1985, p.22) que afirma que “a violência contra a criança é um fenômeno presente na raça humana”. Esta mesma autora cita Esparta como exemplo, onde as crianças impossibilitadas de guerrear eram mortas, e em Cartago eram constantemente transformadas em oferta para os deuses.

Já no século XIX podemos evidenciar a violência contra a criança e o adolescente no contexto da Revolução Industrial, onde o trabalho infantil era extremamente explorado, a criança e o adolescente eram considerados mão-de-obra barata e produtiva. (ROCHA& FREITAS, 2004).

Podemos constatar, portanto, que a violência contra a criança era um instrumento utilizado pelo Estado, cada qual com um objetivo diferente, de acordo com os interesses e cultura de cada nação. No momento em que a família fechou-se em si e os pais tornaram-se os únicos responsáveis pelos seus filhos, a violência

infanto-juvenil passou a ser um instrumento utilizado mais especificamente no contexto familiar. No entanto, há poucas fontes que retratam as questões referentes a esse tema, já que não se realizaram muitas pesquisas específicas ao longo dos séculos passados.

Guerra (1985), visando transmitir uma idéia de como a violência familiar ocorria no século XIX, utiliza a literatura desta época como instrumento. Segundo esta autora, há uma abundância de descrições de maus tratos contra crianças, o que faz pensar que realmente essas obras retratavam a vida em seu cotidiano. Cita, entre outros, autores consagrados como Daudet, Zola, Vitor Hugo e Dostoievsky, sendo que este último, em sua obra “Os irmãos Karamazov”, faz relatos de crianças que são açoitadas pelos pais e mantidas em cárceres privados.

No entanto, as atitudes que os pais tomavam diante de seus filhos, ditas atualmente como violentas, não eram vistas como tal. Essas condutas passaram a ser consideradas violência contra a criança e o adolescente, mais especificamente, no século XX, e no Brasil a luta contra essas condutas tomou força realmente com a implantação do Estatuto da Criança e do Adolescente, produzido em 1990.

Ao discutirmos sobre a violência contra a criança e o adolescente e, no caso mais específico desta pesquisa a agressão física, é inevitável que surja o questionamento quanto às conseqüências que essas agressões produzem na formação da personalidade das vítimas deste ato.

Dentro de um panorama psicanalítico, Costa (1986), afirma que podemos chamar de violenta qualquer experiência repetitiva ou intensa, no âmbito físico ou psíquico, que vá além das possibilidades de absorção possíveis pelo aparelho psíquico. Portanto, além do ato de violência quantitativo, é importante considerar a representação que é dada pela vítima. É inegável que o fator quantitativo pode influenciar o constituinte representacional, mas a natureza da representação não tem uma explicação objetiva. Portanto, ao pensarmos no ato violento devemos considerar também o que ele significa para cada sujeito. De acordo com Costa (1986, p. 94):

A violência psíquica é um sucedâneo ou uma variante quantitativa de seu homônimo físico. O que torna uma ‘neurose traumática’ e um ‘traumatismo cumulativo’ violentos não é o montante da excitação, mas a representação que lhe é associada a título de causa. (...) Na natureza da representação reside portanto o potencial de violência de um ato psíquico.

Considerando o sentido representacional da violência e o significado que a família tem para a criança e para o adolescente no modelo de família nuclear atual, é coerente afirmar que a violência na família acarreta conseqüências graves na formação da personalidade do indivíduo.

Assim, surge o questionamento de qual o efeito que uma palmada terá sobre uma criança e qual representação será dada ao ato agressivo. A defesa da necessidade da palmada como medida educativa possibilita o pensamento de que a criança e o adolescente são propriedades dos pais, e não seres desejantes, carregados de emoções e sensações.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) mostra a maneira como a criança e o adolescente devem ser vistos, pelo âmbito da lei, e quais os seus direitos: “A criança e o adolescente tem direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na constituição e nas leis.” (BRASIL, 1990: Art 15).

Em se tratando das questões psíquicas presentes no grupo familiar relacionadas à violência, podemos considerar a definição de catástrofe dada por Bion (1957/1993), que é tida como sendo uma mudança decorrente de um ato, de um acontecimento ou de uma idéia que abala a integridade e a continuidade de uma organização, seja esta psíquica, grupal ou institucional. Assim, consideramos a violência física exercida pelo pai como sendo uma catástrofe psíquica.

Baseados em Kaës, podemos afirmar que essa mudança, definida como catástrofe, surge com violência, ameaça, angústia e sofrimentos, atribuídos a uma “falta de representação, a um não pensado.” (KAËS, 2005, p. 168). Portanto,

A catástrofe psíquica produz-se na interpenetração do real e da fantasia, nesse choque, onde real vem substituir a fantasia, confirmá-la, ao mesmo tempo em que anula fantasmática. Nestas condições, a catástrofe torna impossível o recalque e a reelaboração posterior do sentido dessa interpenetração. (KAËS, 2005, p. 168)

A citação acima possibilita retomarmos a transmissão pelo Negativo, já discutida anteriormente, que se dá, entre outros, pela ausência da inscrição e da representação e pode

ocorrer com o intuito de preservação, seja da própria organização psíquica, do sujeito ou de algum vínculo intersubjetivo, neste caso o vínculo com a figura paterna.

Portanto, a violência física exercida pelo pai sobre o adolescente pode desencadear a catástrofe psíquica, que impossibilita o recalque e a representação, e que, a partir daí, possibilita a transmissão do Negativo. Assim, é possível que a violência permeie o ambiente familiar de forma a se fazer presente geracionalmente, de maneira inconsciente.

A partir desta breve reflexão sobre a violência familiar contra a criança e o adolescente, podemos questionar sobre suas causas e as possíveis formas de erradicação, que envolvem tanto fatores sociais quanto psíquicos e históricos; esta pesquisa se limitará aos fatores psíquicos, relacionados à transmissão psíquica. Não temos aqui a pretensão de esgotarmos o tema, mas de despertarmos uma reflexão acerca da violência como um sintoma da família, que se perpetua de forma geracional, envolvendo e comprometendo, conseqüentemente, não apenas o agredido, mas todo o grupo familiar.

4.2. A ADOLESCÊNCIA E A VIOLÊNCIA FAMILIAR

No período da adolescência, a violência familiar abala consideravelmente o indivíduo, que vive uma fase de auto-afirmação e de necessidade de provar para todos as suas capacidades, além de um processo de formação da personalidade. Portanto, é extremamente importante, quando se fala de violência doméstica em adolescentes, a existência de uma reflexão sobre esta fase do desenvolvimento humano.

Segundo Knobel e Aberastury (1981), neste período da vida o indivíduo passa por três lutos: a perda do corpo infantil, dos pais da infância e da identidade infantil.

Perder o corpo infantil é ver-se crescendo, é sentir que está se tornando adulto, podendo não estar preparado para isso. De repente, essas mudanças ocorrem e o adolescente nada pode fazer, sendo um espectador de tudo isso.

Waideman (2003, p. 36), afirma que “O impacto dessas mudanças leva o adolescente a empregar mecanismos de deslocamento, transpondo a rebelião que não pode expressar contra o próprio corpo, para o pensamento que passa a ser manejado de forma onipotente.” Daí a onipotência ser característica típica da adolescência, que leva o jovem a atuações sociais e, por vezes, políticas que parecem ser a salvação do mundo, buscando, muitas vezes, resolver conflitos de proporções gigantescas sem, no entanto, resolver os seus próprios conflitos internos.

Ao pensarmos que o adolescente tem a onipotência como característica da fase em que vive, buscando auto-afirmação, fica explícita a desestruturação egóica que a violência intrafamiliar pode acarretar. Isso porque o espaço para a onipotência, necessária neste período, deixa de existir, levando o adolescente a sentimentos de inferioridade e insegurança.

Também podemos afirmar, pautados em Knobel e Aberastury (1981), que existe o luto pelos pais da infância que, para o adolescente, repentinamente mudam sua maneira de agir e pensar diante do filho, fazendo cobranças nunca antes feitas. Essa é uma das causas que torna problemático o relacionamento com os pais durante a adolescência. O adolescente sente-se, neste momento, abandonado por esses que são os seus modelos identificatórios. Essa relação torna-se ainda mais complicada quando a violência se faz presente. Primeiramente porque a sensação de abandono sai do âmbito da fantasia e torna-se real. Além disso, há o fato de os pais serem modelos para os filhos. Neste sentido, a agressão também pode passar a fazer parte desse adolescente, que vê nos pais modelos a serem seguidos, mesmo que isso não seja explicitado na adolescência.

Questões como “quem sou eu?” começam a surgir, podendo-se perceber o luto pela identidade infantil. Sobre este processo, Waideman (2003, p.37) diz que “[...] o ego se fortalece por mecanismos de projeção e introjeção, o jovem não pode mais manter sua dependência infantil, quando outras pessoas, principalmente os pais, assumem aspectos de sua função egóica.”

A pressão sofrida tanto pelo próprio adolescente quanto pelo meio em que ele vive, em relação a ter que parar de brincar por já estar crescendo, mistura-se com o desejo de continuar vivenciando essas brincadeiras.

Responder à pergunta “quem sou eu?”, que é tão pertinente neste período do desenvolvimento humano, torna-se ainda mais conflitante para o adolescente vítima de violência doméstica. Isso porque, caso chegue à resposta, nunca será uma conclusão positiva, pois “se apanha é porque merece punição por algo que fez ou que é de errado”.

A partir destes três lutos vivenciados pelo adolescente, podemos fazer uma reflexão sobre a relação que este constrói com os pais durante este período. Com as descobertas e mudanças que surgem, é esperado que o adolescente crie um distanciamento em relação aos pais. Levisky (1998, p.54) discute esse assunto, afirmando que “... o jovem, para se auto-afirmar, agride e desvaloriza seus pais. Isso não significa que não goste mais deles, pelo contrário, necessita de carinho e interesse dos

pais, por meio de sentimento de confiança, e da supervisão à distância que eles exercem.”

A experiência deste distanciamento dos pais vivenciada pelo adolescente enriquece seu ego, sua personalidade, e o possibilita assumir as funções antes delegadas ao depositário, neste caso os pais. No entanto, há uma nova elaboração dos vínculos simbióticos, surgindo como alternativa da resolução do conflito. É neste ponto que entram as identificações com os grupos, que vêm na uniformidade a busca de algo, de si mesmos.

Esses processos de identificação, de acordo com Levisky (1998), ocorrem devido a movimentos psíquicos presentes na relação pais/filhos (as), com o último incorporando, desenvolvendo e transformando, na busca para alcançar seus próprios modelos e seu próprio modo de ver a vida.

Mesmo com essas identificações e com a necessidade de afastar-se dos pais, o adolescente, segundo Luisi e Cangelli (1997), vivencia momentos em que a aproximação familiar se torna necessária, ao sentir que não pode lidar sozinho com determinada situação, apesar de já não haver um contato tão próximo como na infância.

Portanto, vê-se como a violência doméstica destrutura a formação e o desenvolvimento do indivíduo, trazendo vários danos não somente físicos, mas também (e principalmente) psicológicos para o adolescente, já que a agressão parte de figuras significativas para a formação psíquica e emocional do indivíduo, no caso desta pesquisa, o pai.

CAPÍTULO V: CONHECENDO OS PARTICIPANTES

Os conceitos e as teorias discutidas até o momento nos dão embasamento para a análise de dados de adolescentes inseridos no Programa Sentinela do Município de Godoy Moreira, no Paraná.

Portanto, a partir deste momento, abriremos espaço para compreensão das entrevistas, de genossociogramas e de todos os procedimentos e técnicas discutidos até então, levando-nos a atingir os objetivos inicialmente propostos neste trabalho.

Em nossa análise expomos a história de vida dos adolescentes entrevistados, baseada em dados do prontuário e nas visitas domiciliares realizadas, com o intuito de apresentar os participantes da pesquisa. Em seguida o genossociograma, que mostra suas famílias, desde os avós até a sua geração. Esta técnica foi construída através dos conhecimentos dos próprios adolescentes em relação à sua história familiar, e caminha de acordo com o desejo e o comprometimento deles em querer produzi-lo.

Após o conhecimento da vida dos participantes e de suas histórias familiares, apresentamos as entrevistas e sua análise, que possibilitam o reconhecimento das representações e significados existentes nos adolescentes tanto em relação à violência doméstica quanto à sua própria família e figura paterna presente em sua vida.

Em seguida realizamos nossas conclusões finais, baseadas na análise geral dos dados obtidos com os três participantes desta pesquisa.

Assim, temos aqui técnicas que nos possibilitaram compreender os sentidos da violência familiar nos adolescentes do sexo masculino participantes desta pesquisa, da sua representação de família e da presença da transmissão psíquica na relação pai e filho.

Vale ressaltar que todos os nomes utilizados são fictícios, a fim de evitar qualquer forma de identificação dos participantes da pesquisa.

5.1. TRABALHO COM GABRIEL

A partir das reflexões teóricas realizadas até o momento, descreveremos agora o trabalho realizado com Gabriel, de 14 anos. As propostas metodológicas tiveram boa aplicabilidade, oferecendo-nos respaldo para a análise dos dados.

5.1.1. A história de Gabriel

Gabriel é o filho mais velho entre seis irmãos, mas é o único adotivo por parte do pai. Quando sua mãe casou-se com o padrasto de Gabriel, este ainda era bebê e desde então é criado como filho legítimo do casal.

O pai biológico de Gabriel, quando soube que sua mulher estava grávida, colocou como condição para assumir a criança, o fato de ela ser do sexo masculino. A mãe, por sua vez, ficou bastante ofendida, e resolveu ir embora antes que fosse descoberto o sexo de seu filho. Pouco tempo depois casou-se com o pai adotivo de Gabriel, que desde então assumiu o adolescente como sendo seu filho.

Durante a visita domiciliar apenas o pai e os dois filhos menores foram encontrados. Gabriel, um irmão e a mãe estavam aproveitando o período de férias escolares para trabalharem na roça e aumentar a arrecadação familiar.

O pai convidou-nos para entrar, foi bem receptivo, mas mostrou-se bastante ansioso com a visita, pois deu-nos pouca possibilidade para falarmos qualquer coisa que fosse e deu várias justificativas sem que fizéssemos pergunta alguma.

Inicialmente disse que os filhos estavam trabalhando para que não ficassem na rua roubando e arranjando briga, já que não tinham nada para fazer em decorrência do período de férias, mas prometeu que não os deixaria faltar um só dia da aula. Também falou sobre a educação que dá aos filhos, argumentou que não bate nas crianças, mas que exige respeito (repetiu isso de forma incansável) e justificou o fato de não estar trabalhando devido à necessidade de cuidar dos filhos mais novos, especialmente da menina que apresenta problemas cardíacos. Toda esta fala deu-se sem que lhe fosse feita uma pergunta sequer.

Falou sobre Gabriel, afirmando que o considera como um filho, mas que se ele proporcionasse qualquer forma de problema não aceitaria mais do adolescente, pois já tem muitas questões para resolver. Afirmou que Gabriel deu bastante trabalho e que vivia em má companhia, mas que agora tinha melhorado. Ao contar que o adolescente dormia até pouco tempo na casa de um senhor, vizinho da família, imediatamente emendou sua fala com a observação de que a roupa dele era lavada pela mãe e que a alimentação também era fornecida pela família, demonstrando não existir qualquer forma de negligência em relação a Gabriel.

A situação de pobreza em que a família se encontra foi constatada através da habitação, apesar de termos ficado apenas na área defronte a casa.

5.1.2. O genossociograma de Gabriel

Houve maiores dificuldades com o trabalho do genossociograma em comparação à entrevista, pois o adolescente manifestou resistências em falar de seu histórico familiar.

A produção do genossociograma aconteceu em dois encontros: o primeiro foi para o adolescente transmitir tudo o que sabia sobre sua família, desde os avós até sua geração; o segundo para que fossem trazidas as respostas de algumas dúvidas deixadas no primeiro encontro, sanadas através de conversas com familiares.

Ao montarmos o genossociograma Gabriel demonstrou saber muito pouco de sua família, deixando claro que também não estava muito interessado nela. Não conhecia nada sobre a família do padrasto e bem pouco sobre a de sua mãe. Houve a orientação, então, para que o adolescente pesquisasse sua história familiar, ele concordou, mas disse que sobre o pai biológico não perguntaria nada porque não queria saber a respeito dele. Gabriel contou que quando soube que sua mãe estava grávida, seu pai verdadeiro afirmou que só queria a criança se fosse do sexo masculino. Por esta razão, antes mesmo de saber o sexo do filho, sua mãe abandonou o marido e o adolescente nunca teve notícia alguma de seu verdadeiro pai. Não soube dizer quantos anos tinha quando sua mãe casou-se com seu pai adotivo, mas afirmou que era bem pequeno.

No segundo encontro Gabriel trouxe o número exato de irmãos que o padrasto tem e a causa da morte do avô materno, ocorrida decorrente de uso excessivo de bebida alcoólica.

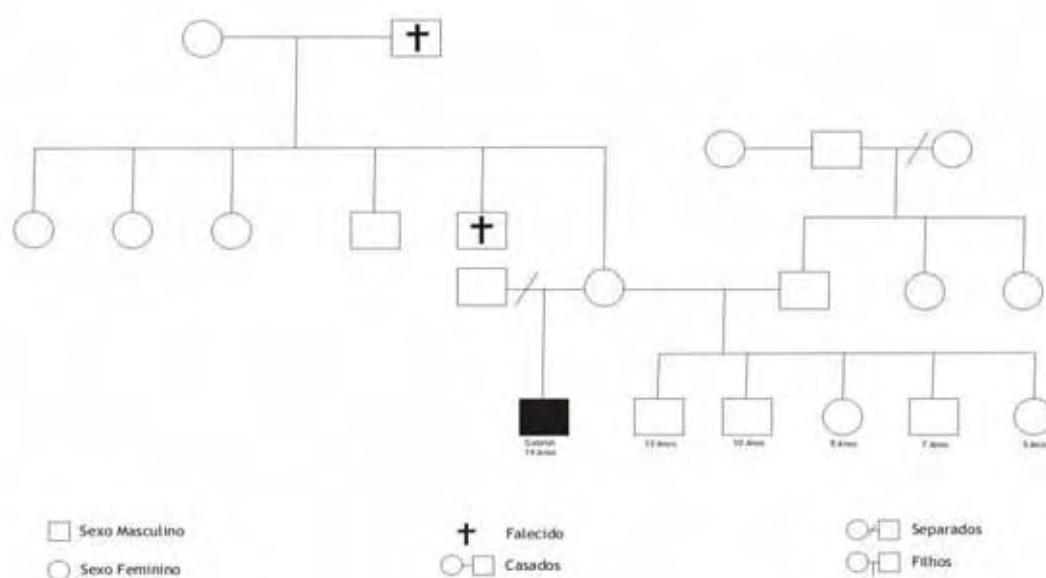
O adolescente em questão não soube informar idade e nem profissão de seus parentes. As informações adicionais que ele passou limitaram-se à morte de um tio, que se suicidou por consequência de uma relação amorosa.

Também contou, no segundo encontro, que seu pai adotivo sofreu violência física intensa de seu avô, era maltratado pela madrasta e por isso saiu de casa quando tinha aproximadamente 14 anos. Este fato nos remete a uma situação descrita por Gabriel na

entrevista, quando saiu de casa após uma discussão com o padrasto, porém, diferentemente dele, Gabriel voltou, a pedido da mãe. Vale ressaltar que Gabriel tem 14 anos, mesma idade do padrasto quando saiu de casa.

Os dados obtidos através da produção do genossociograma foram superficiais e Gabriel não demonstrou apego a nenhum tio(a) ou avós, nem interesse em conhecer a história de sua família.

Eis o genossociograma montado por Gabriel:



Ao observarmos o genossociograma elaborado por Gabriel surge-nos um dado que indica a reprodução da vida do pai adotivo na vida de Gabriel. Enquanto aquele sofreu a perda da mãe e passou ser agredido pela madrasta, o adolescente em questão vivenciou a perda do pai e passou a ser agredido pelo seu substituto. Neste sentido, é possível afirmarmos que o pai adotivo de Gabriel projeta nele suas vivências no período da adolescência.

Nesta técnica utilizada percebemos que as informações foram bastante limitadas, o que nos possibilita pensarmos em um convívio familiar restrito ao núcleo familiar, ou seja, aos pais e irmãos.

5.1.3. O contato com Gabriel

Ao ser convidado para participar da pesquisa Gabriel disse que iria pensar, mas logo confirmou sua participação. Foram realizadas duas entrevistas com este adolescente.

Na primeira, o adolescente apareceu 15 minutos antes do horário combinado, mas mostrou-se sem muita vontade de participar. Afirmava que tinha que ir embora e que só participaria se fosse “rapidinho”. Vale ressaltar que o dia e horário da entrevista foram sugeridos por ele mesmo.

Quando dissemos que era totalmente possível sua desistência, como já tínhamos discutido quando o convite foi realizado, o adolescente não se opôs mais à situação da entrevista. Ao seu final, foi discutida a possibilidade de nos encontrarmos novamente para mais uma entrevista, não havendo oposição alguma por parte dele.

No segundo encontro, novamente Gabriel chegou com antecedência e inicialmente se opôs à situação de entrevista. Entretanto, cedeu imediatamente quando eu disse que ele não precisava ter medo de falar de si.

Durante as entrevistas Gabriel mostrou-se tranquilo e não apresentou dificuldades em relação à utilização do gravador. Ao final da primeira entrevista soltou um “já acabou?”, evidenciando que na verdade não tinha pressa e sim insegurança.

As resistências apresentadas antes de cada entrevista indicam certa dificuldade diante da possibilidade de falar de si e de sua relação com a figura paterna, mas em contrapartida, o fato de chegar adiantado indica um grande desejo de conversar sobre o assunto proposto.

Assim, é possível afirmar que este assunto mobiliza o adolescente, de modo a fazê-lo fugir das discussões acerca da sua relação com o pai, ao mesmo tempo em que deseja ter contato com algumas reflexões neste sentido. Atitude ambígua, assim como seu sentimento em relação à figura paterna, evidenciado nas entrevistas realizadas.

5.1.3.1. A tentativa de compreensão do Gabriel

Através dos dados obtidos pela entrevista formulamos alguns subitens, em coerência com os nossos objetivos, a fim de possibilitarmos um olhar mais esmiuçado de todo o conteúdo adquirido. São eles: "Relação com o pai", "Concepção de paternidade e de masculinidade" e "Identificação com o pai e transmissão psíquica".

- Relação com o pai

Os dados da entrevista possibilitam afirmar que a relação de Gabriel com seu pai é superficial, sem maiores intimidades. Foi possível chegar a esta conclusão porque o adolescente afirmou que existem muitas coisas sobre si que ele sabe que não pode contar ao pai, ou seja, não costuma conversar ou pedir opinião para o pai sobre diversos assuntos. Em contrapartida, Gabriel, durante toda a entrevista, defende a importância de o pai “chamar no canto e conversar”, e quando foi questionado sobre as vezes em que seu pai fez isso ele disse não se lembrar, ou seja, se houve a iniciativa paterna para o diálogo, foram raras as vezes.

Apesar do indivíduo se distanciar dos pais no período da adolescência em busca de auto-afirmação, como defende Levisky (1998), Gabriel demonstra necessitar de uma relação mais próxima com seu pai, constatada pela ênfase que ele dá para o "chamar no canto e conversar", caracterizando sua necessidade de viver situações em que esteja apenas ele e o pai. Isto se dá, segundo Luisi e Cangelli (1997), pela consciência de não poder lidar sozinho com determinadas situações, apesar da sua onipotência.

A onipotência, característica do período da adolescência, aparece de forma marcante em Gabriel quando ele afirma ter saído de casa após uma discussão com seu pai, voltando apenas porque sua mãe pediu, de modo a levar-nos a entender que precisavam dele, mas que ele não precisava de ninguém.

Quanto à afetividade, esta aparece pouco no discurso de Gabriel. Apenas uma vez falou sobre receber carinho, comparando o comportamento do pai com o da mãe:

E: O que precisa para ser (um pai) perfeito?

G: É...mesma coisa que o pai é, educado, essas coisas. Carinhoso como a mãe é...

Também falou sobre respeito apenas uma vez, quando questionado sobre as atitudes positivas e negativas do pai, em uma resposta bastante vaga:

E: O que ele faz que é bom e o que ele faz que não é bom?

G: As boas, porque...a hora que ele não xinga a pessoa. É...ele é melhor pai, né. É...não é porque ele não é meu pai, é...legítimo, que eu não posso respeitar, né.

Quanto a esta fala, também podemos constatar que, ao ser questionado sobre as coisas positivas do pai, elas vêm através de uma negação, ou seja, o positivo não vem pelo fato do pai ter feito ou fazer algo e sim pelo fato de ele não fazer, que é quando ele não fala mal.

A falta de visão positiva do pai aparece também em outro contexto. Quando perguntamos, na segunda entrevista, sobre as qualidades do pai, Gabriel diz que são muitas, mas não consegue descrevê-las: *“Tem muita coisa, como é...ele gosta de brincar com nós, às vezes, né! E...ele faz um monte de brincadeira só.”*

Assim, fica clara a relação existente entre Gabriel e seu pai, a partir do olhar do adolescente entrevistado, explicitando-se a inexistência de maiores aproximações e afetos entre ambos.

- Concepção de paternidade e de masculinidade

De uma forma geral, durante a entrevista percebemos que a concepção de pai existente no adolescente é daquele que trata, conversa, educa, às vezes até por meio de privações, sendo necessário bater em alguns momentos para evitar problemas futuros. O carinho apareceu como importante em apenas uma situação, em forma de comparação com a mãe, sendo que os outros itens surgiram constantemente no decorrer de toda a conversa.

Com a intenção de conhecermos sua concepção de masculinidade, utilizamos a definição de “macho” e “fêmea”, no sentido de diferenciarmos o que, para ele, é coisa exclusivamente para homem ou apenas para mulher.

E sua concepção de masculinidade se resume a trabalhar:

E: Sabe quando a gente vira pra alguém e fala assim: “Seja macho!” O que é ser macho? O que tem que fazer pra ser macho?

G: É...trabalhar, arrumar um serviço bom, comprar as coisas dentro de casa...essas coisas...

Sustentar a casa, para Gabriel, é primordial na definição do que é ser macho, e neste sentido ele defende o pai:

E: Seu pai é macho?

G: É...ele trabalha.

Em se tratando dos papéis sexuais, Gabriel defende que o homem tem que trabalhar para sustentar a família e a mulher cuidar da casa, o que não ocorre em seu ambiente familiar, constatado através da entrevista domiciliar. Neste sentido, também observamos a sua concepção de masculinidade, pois enquanto a mulher cuida da casa o homem (macho e pai), tem que trabalhar e garantir o sustento de todos.

Através de uma fala de Gabriel também vemos que indiretamente ele defende sua masculinidade, pois ao fazer um paralelo entre ser macho e trabalhador ele afirma: “*Às vezes criança menor não pode trabalhar, né. E quando já tem 14 anos pra riba já pode arrumar um serviço.*”

Vale ressaltar que o adolescente em questão tem 14 anos e até pouco tempo trabalhava cuidando de um senhor durante a noite e, ainda hoje, esporadicamente vai trabalhar na roça.

- Identificação com o pai e transmissão psíquica

Apesar das constantes críticas realizadas por Gabriel quanto à postura do pai, aparece em muitos momentos da entrevista uma forte identificação com a figura paterna. A principal e mais evidente consiste na semelhança física que Gabriel afirma ter com o pai que o adotou:

E: Tem coisa que você olha pro seu pai adotivo e você acha que você se parece com ele?

G: Pode ser que sim.

E: O que por exemplo?

G: O rosto.

Consideremos o rosto como representação da identidade. Como já discutido neste trabalho, de acordo com Aberastury e Knobel (1981), um dos lutos vivenciados pelo adolescente é a perda da identidade infantil, havendo a necessidade da busca de uma nova identidade. Assim, ao afirmar que seu rosto se parece com o de seu pai, Gabriel evidencia uma identificação e a incorporação da identidade paterna.

A identificação com o pai também é evidente porque em grande parte da entrevista Gabriel fala da violência sofrida com tom de contrariedade, sem apoiar a atitude paterna, e defendeu a conversa como a melhor forma de educar, seguida da privação de algo que o filho gosta muito. Porém, ao ser questionado sobre as causas que levam o pai a exercer agressão física sobre ele, Gabriel não falou das agressões em geral e sim de um fato específico; fato este que indica uma contradição entre seu discurso e sua atitude: “*...meu irmão caçava (roubava) muito (...) eu peguei e ‘di` um tapa na cabeça dele.*”(…) “*...ai ele (o pai) veio pra cima de mim pra bater*”.

A atitude com o irmão mais novo mostra claramente a contradição entre o discurso e a prática de Gabriel, pois apesar de pregar o diálogo e de criticar as agressões

que o pai exerce sobre ele, reproduziu a postura paterna ao dar um tapa na cabeça do irmão.

Durante a entrevista ficou explícita que a forma (ou uma das formas) de agressão física que o pai utiliza com os filhos é o tapa na cabeça:

(...) por exemplo, meu irmão já mexeu em um monte de coisa, aí quando chega em casa, chega reclamação, ele (o pai) não...às vezes ele não chega perguntando, já dá um tapa na cabeça do meu irmão.

Assim, da mesma maneira que o pai agride batendo na cabeça dos filhos, Gabriel também o faz com o irmão mais novo, reproduzindo a atitude paterna.

Entretanto, como uma forma de se defender e negar a semelhança de atitude em relação ao pai (o que evidenciaria a contradição no discurso), Gabriel alega que em alguns momentos o filho deve apanhar, como, por exemplo, quando “caça”. Assim, justifica-se o tapa dado na cabeça do irmão e condena-se a atitude paterna de ter batido em Gabriel no momento em que ele está tentando corrigir o irmão mais novo.

Ao falarmos sobre o pai perfeito e a idéia de pai inserida no adolescente, também aparece contradições e sentimentos ambíguos em relação à figura paterna, pois em um determinado momento defende a postura paterna como positiva, afirmando que deseja ser como ele:

E: O que ele faz (o pai), você olhando pra ele como pai, o que ele faz que você olha e fala assim: “Eu quero ser assim com os meus filhos”? O que você vai tirar dele que você pensa em você como pai?

G: Como pai? É...a mesma coisa que ele está fazendo. É...cuidar da pessoa, tratar.

Mas em outra situação:

E: O que você olha no seu pai que você gostaria de ter igual? Que você pensa “eu queria ter isso e não tenho.”?

G: Não sei.

Neste último trecho o adolescente não conseguiu pensar em nada que gostaria de ter igual ao pai, o que podemos considerar como mais uma defesa em relação à sua identificação com a figura paterna, já que anteriormente havia explicitado o desejo de ser com seus filhos da mesma forma que seu pai é consigo.

Em relação aos papéis exercidos dentro do ambiente familiar (mulher cuidando da casa, marido trabalhando e sustentando todos) formaram-se, em Gabriel, diversos conceitos. A representação paterna que o adolescente apresenta é pautada em um pai adotivo que reproduz estes papéis e a identificação com ele levou Gabriel a incorporar

estes conceitos (muito mais do que aprender), que passaram a fazer parte da subjetividade do adolescente em questão.

Esta incorporação se dá pela identificação que, como discutimos até o momento, ocorre intensamente em Gabriel em relação ao pai e, segundo Severo (2006), é uma forma de transmissão psíquica. Para esta autora, a identificação possibilita que a personalidade do indivíduo se transforme através da assimilação total ou parcial de aspectos de um indivíduo que exerce o papel de modelo. Assim, podemos afirmar que, muito mais do que aprender, Gabriel incorporou em sua subjetividade características, formas de pensar e/ou atitudes existentes em seu pai adotivo, modelo de identificação para si.

5.1.4. A vivência de Gabriel

Os dados obtidos através das técnicas utilizadas foram bastante satisfatórios diante dos objetivos propostos, mostrando-nos vários dados que nos possibilitam conhecer os conceitos de masculinidade e violência familiar presentes em Gabriel na perspectiva da transmissão psíquica.

Pudemos constatar que, apesar das críticas diante da violência exercida pelo pai, o adolescente em questão assume posturas e conceitos semelhantes aos do pai. As críticas acerca das agressões que sofre são muito mais em relação ao que sente do que a um princípio, a uma moral. Isto foi constatado através da atitude de violência que tem diante do irmão, semelhante à que seu pai tem consigo.

Para Gabriel a masculinidade está fortemente ligada à obrigação de trabalhar e sustentar o lar, e nisto consiste um ambiente familiar: o pai trabalha fora para sustentar a todos, enquanto a mãe é responsável por cuidar dos afazeres domésticos e dos filhos.

A violência física contra o filho é vista como uma punição necessária para aquele que não obedece ao pai, que faz algo de errado. Neste sentido, é possível que Gabriel leve para as próximas gerações de sua família esta violência já existente neste meio desde pelo menos a geração de seus avós, apontada no genossociograma.

5.2. TRABALHO COM ADRIANO

O trabalho com Adriano consistiu em duas entrevistas e a elaboração do genossociograma. Houve a tentativa da visita domiciliar em duas ocasiões, mas ninguém foi encontrado no local porque estavam todos trabalhando na lavoura. A visita também é um trabalho periódico realizado pelo Projeto Sentinela, mas esta família nunca demonstrou receptividade em relação à nossa presença. Entretanto, quando solicitada, a mãe sempre comparece ao local de funcionamento do projeto, ao contrário do pai, que não se faz acessível com a justificativa de que tem que trabalhar. Ele também não é a favor de Adriano participar do Projeto, dizendo que quando está lá o adolescente acaba perdendo um dia de trabalho, porém permite devido à intervenção do Conselho Tutelar.

A mãe de Adriano foi quem assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, permitindo a realização da pesquisa com o adolescente. Nesta ocasião as duas tentativas de visita já haviam acontecido e foram postas para a mãe, que disse preferir que elas não se realizassem devido ao fato de eles trabalharem muito e ficar pouco tempo em casa, sendo este tempo destinado ao descanso.

Esta recusa em relação à nossa visita é um dado relevante para este trabalho, pois indica um movimento da família de fechar-se em si mesma, de rejeição em relação a qualquer interferência externa. A casa, diretamente relacionada ao ambiente familiar e privativo, não está disponível para nossas visitas e, quando há algo importante a ser discutido, é no espaço público que isto ocorre (local de realização do projeto Sentinela), ou seja, a família intenciona oferecer conhecimento limitado em relação a si, tentando direcionar o nosso olhar apenas ao que eles decidem trazer-nos.

Por esta razão, nossa análise não terá dados obtidos através da visita domiciliar.

5.2.1. A história de Adriano

Adriano foi inserido no Projeto Sentinela em 2007 juntamente com sua irmã, por denúncia de vizinhos que constantemente escutavam as agressões físicas que o pai exercia sobre os filhos. Após denúncia, os pais de Adriano foram chamados pelo Conselho Tutelar, que realizou com eles um longo trabalho de conscientização, pois diziam ser necessário bater para educar. Ainda hoje são realizadas investigações, mas não há mais dados ou relatos de que a violência ainda exista. Entretanto, a partir da

postura de Adriano diante da vida, julgamos necessária a sua permanência no projeto e tentamos constantemente contatos com sua família, apesar das restrições estabelecidas por ela.

Adriano é o mais novo entre os três filhos, sendo que o mais velho é seu meio-irmão, advindo do primeiro casamento de seu pai. Sobre esta primeira relação nada foi transmitido para nós, tornando-se de nosso conhecimento apenas após a formulação do genossociograma. Ao ser questionado, Adriano disse saber muito pouco sobre este irmão, passou-nos poucas informações e não se interessou em conhecer melhor esta história. Sua família, incluindo o pai, não tem contato com este filho, que é bem mais velho do que Adriano e sua irmã.

A família do adolescente em questão é bastante humilde e mora na zona rural; todos trabalham na lavoura e o pai é bastante rígido, não permitindo que Adriano e sua irmã saiam de casa para outras questões que não trabalho e estudo, ou seja, ambos os adolescentes não desfrutam de nenhuma forma de entretenimento com outras pessoas de sua faixa etária, limitando-se apenas ao convívio entre si.

5.2.2. O genossociograma de Adriano

Adriano não demonstrou grandes apegos à sua história familiar ou a qualquer membro de sua família.

Os dados transmitidos para a formulação do genossociograma foram superficiais, indicando pouco conhecimento sobre sua história familiar. Ao final do encontro, foi proposto para Adriano conversar com seus pais e familiares para tirar dúvidas sobre o que não foi completado no genossociograma, mas o adolescente afirmou que os pais também não saberiam dar maiores informações, preferindo, então, deixar daquele jeito.

Não surgiram resistências no momento da realização deste trabalho, pois não houve negação em falar do que sabia, apesar de seus conhecimentos serem bastante limitados. Suas resistências se concentraram em procurar a família e falar com eles sobre o assunto, demonstrando que a história familiar não é um assunto bem aceito, ou ao menos não é um assunto corriqueiramente discutido.

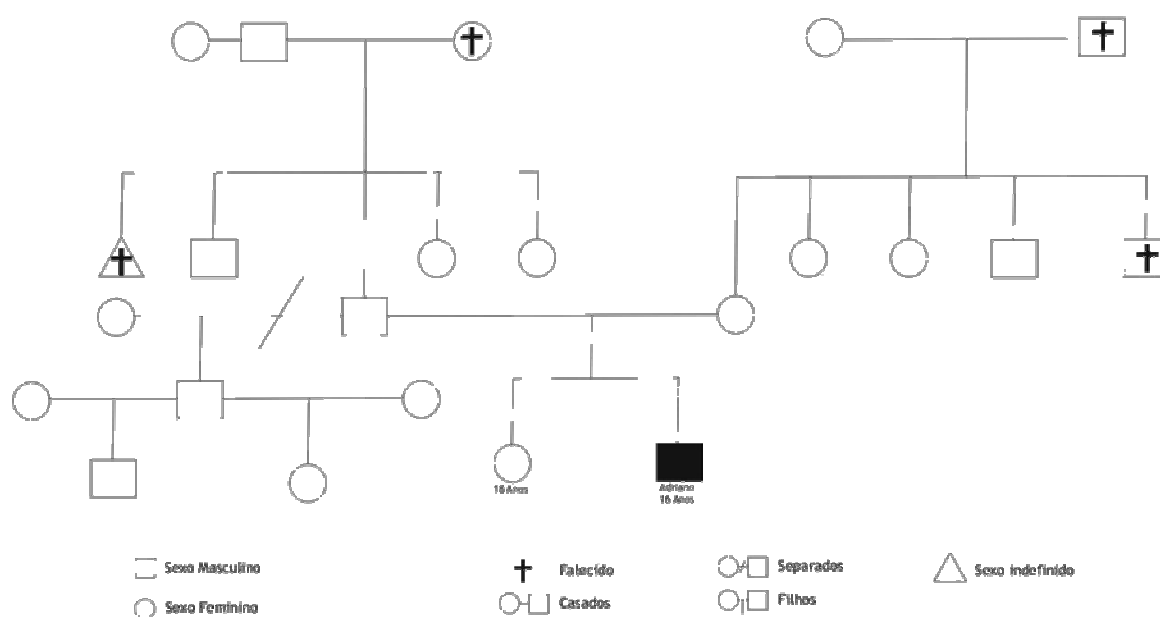
Segundo os dados transmitidos por Adriano, a avó paterna faleceu no parto do filho mais novo, que também faleceu, não sendo possível a identificação do sexo da criança. Logo após a morte da avó, o avô casou-se novamente, mas o adolescente não soube dar maiores informações sobre o avô e a esposa, pois estes moram em cidade

distante e não há mais contato entre eles. Este contato foi perdido desde que seu pai foi embora de casa, ainda adolescente, porque não se dava bem com a madrasta. Adriano também não soube informar a ordem de nascimento tanto dos tios paternos quanto maternos, por isso foram colocados em ordem aleatória no genossociograma.

O pai teve um filho no primeiro casamento, separou-se e não tem mais contato com esta família constituída; sabe-se que o filho, fruto deste primeiro casamento, tem dois filhos com mulheres diferentes, mas Adriano não soube dizer se o irmão mais velho vive ainda com alguma delas. Segundo o adolescente, a violência física permeia o grupo familiar, pois esteve presente desde seus avós, mas não informou detalhes.

Em sua família materna, Adriano não conheceu o avô, que foi assassinado em uma briga de bar antes de ele nascer. Também tem um tio falecido, decorrente de bronquite. Sua avó mora em Godoy Moreira e o contato com ela é constante. Não conhece histórico de agressão física em sua família materna.

Diante das poucas informações obtidas, o genossociograma da família de Adriano ficou constituído da seguinte maneira:



Um dos dados relevantes obtidos através da produção do genossociograma de Adriano é a relação que seu pai estabelece com seu avô, não havendo nenhuma forma de contato entre eles. Desta forma, é possível considerarmos a falta de afeto sofrida por seu pai, que perdeu a mãe e conseqüentemente o pai, pois este começou a relacionar-se com uma mulher na qual ele não se dava bem.

Assim, a forma com a qual o pai de Adriano se relaciona com o adolescente em questão pode ser reflexo das relações que ele estabeleceu com seu próprio pai. Em contrapartida, visando não destinar à Adriano o abandono que possivelmente sente ter sofrido, oferece aos filhos uma educação rígida, a ponto de cometer agressões físicas constantes com a justificativa de educar.

A idealização que Adriano tem em relação ao pai pode ser, entre outras coisas, consequência de um movimento realizado por seu próprio pai, na tentativa de caminhar em sentido oposto às relações estabelecidas com a figura paterna durante a sua adolescência.

Quanto à família materna, é importante ressaltar a existência da violência permeando aquele ambiente, pois apesar de Adriano ter afirmado que não houve agressões do avô sobre os filhos, houve morte dele decorrente de briga de bar, o que indica uma postura violenta.

5.2.3. O contato com Adriano

Adriano é considerado um adolescente bastante obediente e não costuma questionar as coisas que lhe são passadas na escola e no Projeto Sentinela. Ao ser convidado para participar da pesquisa concordou imediatamente e não fez uma pergunta sequer sobre os procedimentos que lhe foram explicados.

Durante a entrevista demonstrou bastante tranquilidade e não se incomodou com a utilização do gravador e nem receio em relação às informações que foram passadas. Não houve nenhum momento de maior tensão ou mobilização, lidando com todas as situações com grande naturalidade, apesar de não ser bem articulado, o que exigiu um número maior de perguntas do que o esperado.

A ausência de qualquer questionamento diante de situações nunca antes vivenciadas, como ser entrevistado ou elaborar o genossociograma, demonstra certa passividade e submissão por parte de Adriano. O adolescente foi convidado a participar deste trabalho, porém sua postura ofuscou esta liberdade de escolher participar ou não, já que demonstrou não ter havido reflexão alguma em relação à possibilidade de dizer “não”.

5.2.3.1. A tentativa de compreensão de Adriano

Através do discurso de Adriano ficou perceptível uma postura de extrema submissão em relação à figura paterna. Diversas contradições surgiram e, devido a isso, em alguns momentos a entrevista torna-se repetitiva, com o intuito de compreender exatamente a postura de Adriano diante do assunto em questão.

Os subitens formulados a partir dos dados fornecidos pela entrevista com Adriano são: “Adriano adolescente”, “A postura diante do pai e a concepção de paternidade”, “concepção de masculinidade” e “transmissão psíquica”.

- Adriano adolescente

O período da adolescência é regado de características particulares, descritas por vários autores. Tomando como referência principalmente Knobel e Aberastury (1981), discutimos anteriormente os lutos vivenciados pelo adolescente, referentes à perda do corpo infantil, dos pais da infância e da identidade infantil.

Diante destes três lutos, o que mais se destaca na entrevista com Adriano é a perda dos pais da infância, concretizado através da postura adotada por seu pai que, segundo o entrevistado, parou de bater nele com o surgimento da adolescência.

E: Sobre crescer e ficar maior, você acha que ele (o pai) parou de te bater por isso...mas por quê? Por que você ficou mais forte?

A: Porque eu criei vergonha na cara não faço bagunça mais.

Portanto, o marco da transição da infância para a adolescência, na vida de Adriano, deu-se com a mudança de postura de seu pai.

A perda da identidade infantil surge, em contrapartida, com a mudança de postura do próprio adolescente, descrita também a partir do fim das agressões físicas cometidas pela figura paterna:

E: O que te faz pensar que o levou a parar de te bater?

A: Não sei, porque eu cresci, fiquei maior, to mais educado, não faço bagunça mais.

Ainda baseados nos lutos descritos por Knobel e Aberastury (1981), as conseqüências trazidas por eles se caracterizam por uma mudança de postura frente a si

mesmo e ao ambiente em que vive, havendo um distanciamento dos pais, a tendência grupal e a autonomia.

Entretanto, estas características não são visíveis na fala e na postura de Adriano, que mostrou-se bastante obediente e passivo diante do pai. Também não demonstra tendência grupal, já que sua vida social limita-se à escola e, fora deste espaço, trabalha com o pai na lavoura, não havendo contestações por parte de Adriano neste sentido.

Pode-se pensar que este movimento de passividade apresentado por Adriano se faz como forma de submissão ao pai que, segundo o adolescente, deixou de agredi-lo, apesar do merecimento:

E: E o que você pensa de seu pai? O que você acha dele?

A: Acho que ele é bom.

E: Por quê?

A: Porque nem sempre que faço arte ele me bate. Tem vezes que ele não bate, fica quieto.

O único momento em que, durante a entrevista, surgiu uma forma de contestação que nos remete à autonomia, foi quando o entrevistado falou do desejo que sentiu de sair de casa:

E: E o que você pensava? O que tinha vontade de fazer?(quando apanhava).

A: Sair correndo, sair pra vida.

E: Sair pra vida, como assim?

A: Ir embora de casa.

E: E o que te fez não ir?

A: Não sei.

O fato de Adriano não saber ao menos justificar o porquê decidiu não sair de casa demonstra o quanto a autonomia é impossibilitada e sua falta não é problematizada, sendo vista como desobediência qualquer forma de pensamento ou atitude que conteste a posição do pai.

Assim, neste momento faremos uma análise sobre a relação estabelecida entre pai e filho e a postura de Adriano diante da figura paterna.

- A postura diante do pai e a concepção de paternidade

Os dados fornecidos pela entrevista nos levam a entender que Adriano apresenta uma postura de total submissão diante do pai, sendo as atitudes deste inquestionáveis. Ao falarmos sobre as agressões físicas que constantemente sofria, o adolescente colocou-se como merecedor do ato, por fazer coisas erradas:

E: E o que você vai dizer para seus filhos quando for conversar?

A: Depende o caso.

E: Dá um exemplo.

A: Se ele fizer como eu não tem conversa não.

E: Por quê?

A: Porque quando eu era novo eu fazia muita bagunça.

Neste trecho, juntamente com muitos outros que aparecem na entrevista, Adriano coloca, de forma categórica, a culpa em si pelas agressões que sofria.

Esta postura faz com que se encontre algo que justifique a atitude do pai sem, no entanto, colocar a culpa no genitor, impedindo a quebra da idealização existente em relação à figura paterna.

Neste sentido, Adriano mostra a sua concepção de paternidade, bastante idealizada:

E: E qual é o papel do pai na família?

A: Tudo.

Ao falarmos sobre como será Adriano como pai, ele diz que baterá menos em seus filhos. Quando alguém apanha do pai sem merecer, o adolescente defende que o agredido deve se manifestar, mas em sua vida isto nunca aconteceu, porque as surras sempre foram merecidas.

A função de interdição exercida pelo pai na vida de Adriano é bastante evidente na entrevista. As agressões físicas que sofria são vistas, de uma forma geral, como necessárias e positivas, pois ele soube dizer em que elas ajudaram, mas não foi capaz de falar sobre o lado negativo do ato cometido pelo pai:

E: E o que você acha que ajudou e o que atrapalhou as surras que seu pai deu em você?

A: Ajudou que eu não faço mais aquilo lá. Atrapalhou...eu não sei.

E: Atrapalhou alguma coisa?

A: Eu acho que não.

Portanto, no caso de Adriano, o Pai Simbólico, que exerce a função interditora, é concretizado na figura do pai real, idealizado pelo adolescente em questão. Neste sentido, podemos afirmar que para o adolescente a relação entre pai e filho, de uma maneira geral, é bem menos arbitrária do que a que estabeleceu para si, com seu pai. Podemos fazer esta constatação porque, através dos dados da entrevista, torna-se compreensível que seu pai, diferente de todos os outros, é um ser inquestionável e de autoridade absoluta, enquanto o adolescente é apenas um filho arteiro e que merece apanhar, apesar de nem sempre isso acontecer, graças à misericórdia paterna.

Apesar de Adriano apontar algumas críticas em relação ao excesso de agressividade do pai e à falta de diálogo, sua submissão à autoridade paterna permeia toda a entrevista. No trecho a seguir, o contexto se refere à menção feita por Adriano sobre a necessidade de o filho reclamar com o pai quando acontece dele apanhar injustamente, mas quando a situação é transferida para o próprio adolescente, há mudança em sua postura:

E: Já aconteceu de você apanhar injustamente e reclamar?

A: Não, mas sempre que meu pai me batia ele já sabia porquê.

E: Não teve nenhuma vez que seu pai te bateu sem você merecer?

A: Não.

O cuidado do pai em relação ao filho não surge como necessidade dentro da relação estabelecida. Em apenas um momento foi relatada uma situação neste sentido, quando Adriano queimou a mão durante uma brincadeira. Em seus relatos, afirmou que estava brincando no pasto e acabou tendo contato com um fio de alta voltagem, fazendo-se necessário a ida para o hospital. Porém, a atitude do pai não foi considerada como a mais adequada pelo adolescente:

E: E você acha que deveria ter apanhado?

A: Eu acho que sim, pra eu não fazer mais aquilo lá. Pelo menos aprendia.

E: E o que seu pai fez?

A: Me levou para o hospital, fizeram curativo e eu fui embora.

Assim, a concepção de paternidade apresentada por Adriano está muito mais relacionada à interdição, à castração, do que ao cuidado e à afetividade. Para maior

conhecimento desta relação, torna-se necessário um processo terapêutico e o estudo das relações estabelecidas a partir do Complexo de Édipo, podendo ser este o objeto de estudos posteriores.

- *Concepção de masculinidade*

Durante a entrevista Adriano não se inibiu ao falar sobre as agressões físicas vivenciadas e não se mostrou envergonhado, o que indica que sua noção de masculinidade não está vinculada ao fato de apanhar ou de bater, considerados pela sociedade, de uma forma geral, fatores referentes à força e dominância.

Ao ser questionado sobre o que é ser macho, o adolescente responde: *“Aqueles caras que são violentos depois chega na hora...”*

E demonstra, com naturalidade, o fato de o homem ser vulnerável, não vestindo na figura masculina a roupa da invencibilidade e do poder:

E: E você acha que o homem precisa ser macho ou não?

A: Não precisa ser tanto.

E: Como assim?

A: Não tem que parecer ser tanto macho.

Complementando o trecho transcrito, a primeira definição de macho dada por Adriano é *“Os cara brigão”*, partindo da idéia de que ser briguento é a demonstração de uma força que o homem não tem, e que não há a necessidade de querer mostrar.

Neste sentido, é possível considerarmos que a agressividade cometida por seu pai diante dos filhos está relacionada mais diretamente com sua concepção de paternidade do que de masculinidade.

- *Transmissão Psíquica*

Durante as entrevistas Adriano constantemente se colocou em uma posição de submissão diante da figura paterna, muitas vezes assumindo a responsabilidade pelas ocorrências das agressões que sofria.

Neste sentido, podemos considerar a transmissão pelo Negativo, apontada por Kaës (2005) e já discutida em nossa fundamentação teórica. Este conceito, que se define como sendo a transmissão que ocorre através do que não é lembrado ou elaborado, se

classifica em três tipos, e o que encontramos neste posicionamento de submissão apresentado por Adriano é a negatividade relativa, pois depende da relação intersubjetiva e se sustenta naquilo que a relação entre ele e seu pai poderia ser.

Assim, Adriano adota uma postura de culpabilização em relação às agressões físicas, retratada nas seguintes falas:

E: Não teve nenhuma vez que seu pai te bateu sem você merecer?

A: Não.

(...)

E: E você acha que adiantou alguma vez você apanhar?

A: Sim, não faço mais aquilo.

O pacto denegativo, apontado por Kaës (2005), ocorre baseado nas alianças inconscientes e consiste em visar e manter o vínculo intersubjetivo, como o existente entre Adriano e seu pai. É possível afirmarmos que este vínculo foi estabelecido no caso em discussão tanto pela idealização que Adriano tem em relação ao seu pai quanto pela responsabilidade depositada em si sobre as agressões sofridas, que se deu exatamente visando a manutenção do vínculo existente.

Assim, a transmissão da violência que se dá através do Negativo na relação em questão aparece nas falas de Adriano nas entrevistas realizadas:

A: Quando o filho faz coisa errada é melhor conversar do que bater.

E: Você pode explicar um pouco melhor o que é conversar, o que ele (o pai) teria que falar, como teria que fazer?

A: Ele falar pra não fazer mais aquilo ali, se fizer vai apanhar.

(...)

A: Conversar se o filho está fazendo alguma coisa errada e você vê que ele merece apanhar, conversar com ele.

E: E como você vai ser com seus filhos neste sentido?

A: Bater menos, conversar um pouco mais.

E: E o que você vai dizer para seus filhos quando for conversar?

A: Depende o caso.

E: Dá um exemplo.

A: Se ele fizer como eu, não tem conversa não.

Através destes trechos, podemos identificar que, apesar de o adolescente afirmar que o diálogo é importante, em seu discurso a violência se faz presente. Primeiramente

Adriano afirma que “é melhor conversar do que bater”, mas ao falar mais sobre como seria esta conversa, logo insere a agressão física. Desta forma, ao buscarmos conhecer um pouco mais sobre as idéias expostas pelo adolescente, tornou-se mais claro que, apesar de ter um discurso pronto, seus conceitos são diferentes e suas atitudes se assemelham com as do seu pai mais do que ele tem consciência.

No segundo trecho transcrito, a idéia do merecimento em relação ao apanhar designa a violência física como necessária em algumas situações e, ao nos remetermos à educação destinada aos seus filhos, novamente cai em contradição: apesar de dizer que pretende conversar mais e bater menos, imediatamente em seguida diz que se for como ele, “não tem conversa não”. Portanto, a possibilidade de diálogo é limitada e, mais uma vez, de forma indireta, justifica as causas que levavam o pai a agredi-lo fisicamente.

A partir da idéia de catástrofe explicitada por Kaës (2005), consideramos na vida de Adriano a presença da interpenetração entre o real (pai violento) e a fantasia (idealizado, inquestionado), sendo que a violência exercida pelo pai passa a ser considerada pelo adolescente a melhor forma de agir. Assim, as falas de Adriano apresentadas nas entrevistas são repletas de contradições, pois enquanto seu discurso principal se fixa na necessidade de conversa e nos excessos causados pelo seu pai em relação à violência física sobre os filhos, em diversos outros momentos Adriano faz menção ao oposto deste discurso.

Em suma, Adriano, apesar de apresentar um discurso de que seu pai se excedia e que era importante conversar, apresenta uma idealização paterna que o leva a se colocar como responsável pelas agressões sofridas. Retirando toda a culpa do pai, mantém o vínculo intersubjetivo e não elabora a violência sofrida.

Quanto à identificação, Adriano diz abertamente que não se considera parecido com seu pai e sim com seu avô:

E: E você acha que você se parece com seu pai?

A: Não, não pareço quase nada com meu pai, pareço com o pai da minha mãe. A mãe fala que eu pareço mais com ele.

E: E o que mais que sua mãe fala sobre isso?

A: Ela fala que ele era alto, conversalhão, brincalhão.

Seu avô faleceu em uma briga de bar, o que indica que era uma pessoa violenta. Adriano não o conheceu. Desta forma, podemos considerar que a negação verbal feita por Adriano em relação à semelhança com o pai não condiz com o que se encontra subjetivo: apesar da figura do avô ter surgido como forma de disfarçar a identificação

paterna, o adolescente diz ser parecido com alguém também violento, levando-nos à hipótese da existência de uma identificação com o pai, que é reforçada pela idealização apresentada e já discutida.

Assim, apesar de um discurso que, de forma consciente nega qualquer aproximação com seu genitor, os dados obtidos nos possibilitam considerar uma proximidade com o pai muito maior do que a que Adriano buscou nos transmitir.

5.2.4. A vivência de Adriano

Adriano é um adolescente pouco contestador e que aceita, sem maiores problemas, viver de acordo com as imposições do pai, de modo a colocá-lo em uma situação cuja postura é não apenas aceita, mas nunca contrariada.

A anulação que o adolescente em questão aceitou vivenciar em detrimento às imposições do pai é decorrente da construção de uma relação idealizada, na qual a postura do pai é tida como inquestionável e, conseqüentemente, a do próprio Adriano passa a ser sempre inadequada.

Deste modo, a violência exercida pelo pai tem significado de flagelo merecido, pois sua auto-imagem é bastante negativa em comparação à imagem do pai idolatrado. Assim, a relação estabelecida entre Adriano e seu pai, para o adolescente, não é a mesma que vê entre outros adolescentes e seus respectivos pais, ou entre si e seus futuros filhos. A masculinidade não parece estar relacionada à paternidade, também porque a sua experiência de paternidade transcende qualquer outro conceito ou experiência vivenciada.

5.3. TRABALHO COM BRUNO

Foram realizadas duas entrevistas com Bruno e a produção do genossociograma, além de duas visitas domiciliares.

Na primeira não fomos recebidos com muita receptividade, como comumente ocorre em todos os contatos realizados com esta família. Sem sermos convidados para entrar, conversamos um pouco defronte ao portão, mas não se estabeleceu um diálogo mais prolongado porque a mãe justificou estar lavando roupa.

É possível afirmarmos que a situação da família é de bastante carência e as maiores reclamações maternas estão relacionadas à situação financeira. Por esta razão,

não mostrou-se muito satisfeita em relação à volta de Bruno, que estava morando com o pai em outra cidade. Também falou sobre os poucos esforços do filho em voltar para a escola, colocando toda a responsabilidade sobre este fato no próprio adolescente.

Ao propormos a participação de Bruno na pesquisa, inicialmente a mãe não concordou, por achar que sua vida pessoal também acabaria sendo exposta.

Após um tempo, em um dos encontros do Projeto, Bruno procurou-nos para falar sobre a autorização da mãe para a sua participação na pesquisa. Por esta razão, outra visita foi realizada e a recepção foi semelhante à anterior. Entretanto, afirmou que por insistência do filho a autorização estava sendo concedida e o termo de consentimento livre e esclarecido foi finalmente assinado.

5.3.1. A história de Bruno

Bruno foi inserido no Projeto Sentinela em 2005, após queixa da escola de que o adolescente estava faltando constantemente da aula e, quando vinha, dormia freqüentemente. Também sabia-se que os pais tinham se separado e que, antes disso, as brigas eram constantes entre eles.

Neste período, após investigação da equipe do Sentinela, descobriu-se que Bruno e seus irmãos apanhavam freqüentemente, ficando com hematomas em diversas situações. Atualmente, apesar de não mais sofrer agressões físicas, Bruno é bastante negligenciado pelos pais e não está freqüentando a escola, pois não foi matriculado em Curitiba/PR, onde morou com o pai até alguns meses atrás. As reclamações no ambiente doméstico estão relacionadas ao seu comportamento agressivo, tanto em relação à mãe quanto aos irmãos.

Mais velho entre sete irmãos (um é meio-irmão, por parte de pai), Bruno sofria agressões físicas do pai até o início da adolescência, quando seus pais se separaram. Antes deste fato, seu ambiente familiar era bastante hostil, com discussões freqüentes entre o casal devido às traições cometidas pelo pai.

Após separação, o pai de Bruno mudou-se de cidade e o adolescente o acompanhou, vivendo um pouco na casa de cada um dos pais desde então. Sua última ida para morar com o pai foi no final de 2007, voltando para Godoy Moreira há dois meses.

A mãe não é muito receptiva em relação ao nosso trabalho e se interessa pouco pelas atividades do Sentinela, tendo contato conosco somente nas visitas domiciliares,

pois não comparece quando requisitada. Também é bastante negligente em relação à vida escolar dos filhos e, quando questionada sobre as idas constantes de Bruno para morar com o pai, ela diz que é por falta de recursos financeiros, já que tem bastante filhos e não apresenta fonte fixa de renda.

Sabe-se que a mãe faz uso excessivo de álcool, sai para festas com frequência, deixando os filhos em casa e tem um namorado que mora com a família, mas constantemente sai de casa expulso pela mulher, por pequenas discussões. Atualmente estão separados.

5.3.2. O genossociograma de Bruno

Bruno confundiu-se um pouco com a produção do genossociograma, pois as histórias de sua família são bastante complexas. Mostrou maior conhecimento em relação à história da família paterna, pois não tem contato com o lado materno.

Sobre a família de seu pai, Bruno informou que sua avó encontra-se viva, morando em uma cidade vizinha à Godoy Moreira. Seu avô faleceu quando seu pai tinha cinco anos, sendo este criado por um padrasto, que vive até os dias atuais com sua avó. A morte prematura do avô deu-se em uma briga de bar, decorrente de jogo, seu hábito antigo. Do primeiro casamento, sua avó teve cinco filhos homens, entre eles seu pai, o quarto na ordem de nascimento. Com o marido atual, nasceram mais três filhos, sendo duas mulheres.

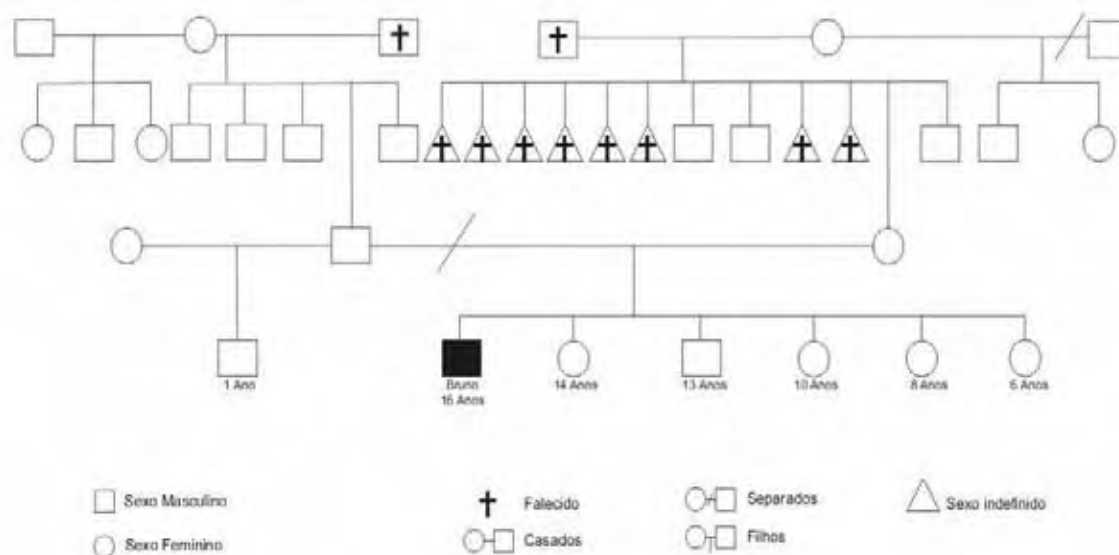
O pai de Bruno casou-se novamente e tem um filho de um ano de vida.

Em relação à família da sua mãe, as informações foram um pouco menos precisas. Bruno afirma que dos quatorze irmãos de sua mãe, oito morreram, mas não soube dizer as causas e nem o sexo deles. O avô teve uma morte considerada questionável até hoje pela família, pois foi fazer uma cirurgia e, na recuperação, passou mal e faleceu. Entretanto, sua avó não sabia o nome verdadeiro do marido, pois ele era envolvido em questões de jogo e pistolagem, sendo perseguido por muitos. Por esta razão, nunca viram o corpo do avô, que foi enterrado como indigente. Entretanto, na produção do genossociograma Bruno afirmou que a família questiona se o avô realmente morreu, se foi assassinado ou se está vivo até hoje, escondido e com um novo nome.

A mãe de Bruno tinha quatro anos quando o pai morreu e também foi criada por um padrasto, que deu-lhe dois dos quatorze irmãos que tem, ambos ainda vivos.

Sua família materna mora toda no Paraguai, por isso não tem contatos atuais. Diz ter saudades da avó, que morou em sua casa por um período, quando os pais ainda viviam juntos.

Eis o genossociograma de Bruno:



A vida e a morte de ambos os avôs, discutidas durante a produção do genossociograma, indicam o quanto a violência permeia a família de Bruno. Apesar de não ter surgido a existência da violência familiar tanto no lado paterno quanto materno, há questões adversas até os dias atuais, de maneira especial na família da mãe do adolescente. O fato de descobrirem que o avô de Bruno vivia com uma identidade falsa faz com que toda a estrutura familiar também sinta uma dificuldade em relação à própria identidade. Bruno conversou com a mãe sobre as várias mortes existentes na família, mas ela não se disponibilizou a discutir sobre o assunto. Assim, há diversos fatores que possibilitam a existência de fantasmas no ambiente familiar materno, favorecendo a transmissão de questões não verbalizadas.

É interessante também a informação de que, tanto o pai quanto a mãe, perderam a figura paterna em idades bem próximas e tiveram esta figura substituída por outra pessoa. Neste sentido, é possível pensarmos nas possibilidades de elaboração destes lutos e na possível interferência destas histórias na vida de Bruno e nas relações estabelecidas em seu ambiente familiar.

5.3.3. O contato com Bruno

Ao contrário de seu comportamento em ambiente familiar, durante as atividades do projeto Bruno apresenta bom comportamento e boa socialização, apesar de falar pouco. Às vezes se opõe diante das atividades propostas, mas não atrapalha o andamento do trabalho.

Quando fizemos a proposta aos adolescentes de participação na pesquisa, Bruno foi um dos primeiros a se dispor, apresentando bastante interesse pelo trabalho e estando presente em todos os encontros marcados.

Durante a execução das técnicas utilizadas não surgiram contratempos e Bruno não se opôs aos trabalhos, sendo que seu grande desejo em participar da pesquisa pode indicar uma necessidade de ser ouvido, de se colocar. Entretanto, durante a realização da entrevista, mostrou-se um pouco inibido, apresentando dificuldades em falar sobre o que pensa e o que sente.

Disse que seu desejo em participar da pesquisa se deu por ser algo diferente, nunca antes vivenciado.

5.3.3.1. A tentativa de compreensão de Bruno

Bruno apresentou uma dificuldade excessiva em demonstrar seus sentimentos e sua forma de pensar e sentir. A expressão “não sei” se fez presente no início da maioria das falas do adolescente em questão, indicando uma dificuldade em refletir sobre os temas propostos.

Os subitens formulados a partir dos dados obtidos com Bruno foram os seguintes: “O cuidador”, “A relação com o pai e com a violência” e “Transmissão psíquica e masculinidade”.

- O cuidador

Em algumas falas de Bruno é possível considerar sua postura de cuidado em relação às figuras parentais, apesar dos dados de realidade obtidos, como a violência que o pai exercia sobre ele e a atual negligência da mãe.

Neste sentido, podemos nos remeter aos vínculos libidinais, defendidos por Eiguer (1985). Para este autor, dentre os vínculos libidinais encontramos o de filiação, que é

entre pai e filho e que encontramos presente na postura de Bruno. Podemos fazer esta afirmação em relação à postura adotada diante da separação dos pais, quando o adolescente acompanhou o pai, que foi embora de casa:

E: Por que você acha que ele parou de te bater?

B: Sei lá, porque ele ficou sozinho.

E: Ele ficou sozinho? Explique um pouco melhor.

B: Porque ninguém das crianças (seus irmãos) quis ficar com ele.

(...)

E: E por que você escolheu ficar com ele?

B: Eu não escolhi ficar com ele, eu fiquei um pouco lá só.

Neste trecho, vemos que, apesar do adolescente dizer ter optado ficar com a mãe a partir da separação dos pais, acompanhou o genitor por um período, sem saber dar maiores justificativas por ter procurado ficar com a figura paterna.

Entre outras coisas, é possível afirmarmos que Bruno optou por ficar temporariamente com o pai com a intenção de destinar um cuidado a ele, já que faz a afirmação referente à solidão que o pai passou a sentir diante da ausência da família.

Em relação à mãe, Bruno preocupou-se em não deixá-la sozinha e voltou para destinar-lhe cuidados:

E: E você voltou por quê?

B: Porque a mãe e o marido dela estavam brigando muito, aí ele (o pai) pediu para eu vim para Godoy e ele ia mandar dinheiro para as crianças.

E: Então foi seu pai que mandou você vir?

B: É, mas eu tava querendo vir. A mãe ia mudar de casa e eu tinha que ajudar nas coisas.

Assim, o vínculo estabelecido com seus pais não lhe permitiu abandoná-los, colocando-se na posição de cuidador e responsável tanto por seu pai quanto por sua mãe, acompanhando-os nos momentos em que considerou de dificuldade para eles.

Entretanto, ao falarmos de cuidado, Bruno se colocou da seguinte maneira:

E: Você se sente sozinho na sua família?

B: Não.

E: Por que não?

B: Tenho bastante irmãos.

E: Você acha que você mais cuida ou é cuidado?

B: Cuido...mas cuidam de mim também.

E: E quem cuida?

B: Minha irmã.

Portanto, sua posição de cuidador em relação aos pais se confirma devido ao fato de, ao falarmos sobre ser cuidado, seus genitores não surgiram em sua fala e sim sua irmã, um pouco mais nova do que ele. Desta forma, assume necessitar de atenção, mas esta demanda não é suprida pelos pais e sim pela irmã.

- A relação com o pai e com a violência

Ao discutirmos sobre o fato de Bruno ter assumido o papel de cuidador já iniciamos, de certa forma, reflexões sobre a relação que o adolescente em questão estabelece com seus pais. Entretanto, neste momento falaremos mais especificamente sobre seu contato com figura paterna.

Em nenhum momento apareceram na entrevista indícios de alguma forma de sentimento ou de envolvimento do pai de Bruno em relação ao adolescente. O que o entrevistado nos traz são poucas elaborações e reflexões, porém interpreta e traduz sentimentos do pai que não são evidenciados por ele. Para explicitarmos esta afirmação utilizaremos um trecho da entrevista já trabalhado anteriormente, mas que traduz com clareza a interpretação que Bruno faz da postura do pai:

E: Até que idade ele (o pai) te bateu? Quando ele parou de te bater?

B: Até uns 12 anos.

E: Por que você acha que ele parou de te bater?

B: Sei lá, porque ele ficou sozinho.

E: Ele ficou sozinho? Explica um pouco melhor, como assim?

B: Porque ninguém das crianças quis ir com ele. (após a separação de seus pais)

Ao afirmar que as agressões que o pai cometia sobre si cessaram porque seu genitor sentiu-se sozinho, Bruno se convence de que o pai precisa dos filhos. Apesar de não ter aparecido em nenhum momento da entrevista indícios de que o pai realmente sentiu esta solidão, este sentimento tem grande valor para o adolescente, como forma de negar qualquer possibilidade de sentir-se abandonado.

Também o fato de ir embora com o pai sem saber dar maiores justificativas para esta atitude retrata o medo do abandono.

Neste sentido podemos nos remeter a Levisky (1998) que discute sobre a independência do adolescente. Para este autor há a desvalorização dos pais nesta fase do desenvolvimento humano, como necessidade de se auto-afirmar, mas em contrapartida

há também a necessidade de carinho e de interesse dos pais pelos filhos. Entretanto, no caso de Bruno, há demonstrações indiretas de uma constante busca de aproximação, pois pelos relatos a relação estabelecida com seu pai sempre foi distante e com pouco afeto. Assim, ao invés do adolescente em questão se afastar em busca de autonomia, há a necessidade e a procura de aproximação, pois esta sempre esteve ausente.

A falta de afeto e contato é evidenciada em algumas falas de Bruno, como no trecho a seguir:

E: Como ele (o pai) te trata?

B: Bem.

E: O que ele faz pra te tratar bem?

B: Sei lá.

E: O que é tratar bem?

B: Não ficar xingando.

Percebemos, portanto, que o distanciamento existente entre pai e filho faz com que a concepção de tratar bem, presente em Bruno, se resuma a não tratar mal, sendo esta a forma de afeto compreendida pelo adolescente.

A necessidade apresentada por Bruno de receber atenção paterna nos faz pensar na representação que este pai tem para o adolescente. O pai real se contrapõe com o Pai Simbólico; enquanto aquele agride, abandona, este trata bem (no sentido de não tratar mal) e sente-se sozinho devido à ausência dos filhos.

A força atribuída ao Pai Simbólico, materializada na figura do pai real, possibilita um olhar peculiar para as agressões que o adolescente sofria do pai. Apesar de, em diversas situações na entrevista, Bruno considerar as surras que sofria como exageradas, em algumas outras demonstra tirar proveito delas:

E: E você escolheu ficar um pouco lá com ele (ficar com o pai após a separação). Você não teve medo dele te bater?

B: Não.

E: Por que não?

B: Ah, porque eu tava acostumado a apanhar direto.

Assim, o adolescente em questão aceitava ser agredido para poder ficar próximo de seu pai. Desta forma, podemos considerar que, na relação existente, a violência física adquire caráter secundário e é aceita caso seja esta a condição para que o adolescente em questão seja notado pelo seu pai.

Ao discutirmos mais diretamente sobre a violência sofrida, Bruno afirma:

E: E o que você acha dessa atitude dele? (atitude do pai em agredir os filhos)

B: Tem vez que tava certo, tem vez que não.

E: Quando ele tava certo?

B: Só quando a gente fazia coisa que ele não gostava.

E: E quando ele não tava errado?

B: Não sei.

A partir desta fala constatamos mais uma vez a postura do pai sendo colocada com aceitação, pois para Bruno as agressões são corretas quando as atitudes dos filhos desagradam o pai, desconsiderando, com isso, qualquer sentimento ou olhar dos filhos agredidos.

Durante toda a entrevista Bruno não se posiciona em relação aos seus sentimentos e à sua forma de pensar e, no trecho acima, quando questionado sobre as situações em que as agressões não foram corretas, não soube dar uma explicação sequer, limitando-se a dizer que não sabia.

Em outra situação, a aceitação das agressões paterna também fica evidente:

E: E você acha que ele tem coisas boas como pai?

B: Acho que sim.

E: O quê?

B: Sei lá, o jeito de ele educar.

E: E como é o jeito dele educar?

B: Sei lá, bate toda hora.

(...)

E: E o que ele tem de ruim?

B: ...

Estas reflexões sobre os pontos positivos ou negativos do pai também mostram a complexidade da posição de Bruno em relação ao pai, pois ele coloca o jeito do pai educar, batendo toda hora, como uma característica positiva. Entretanto, silenciou-se ao ser questionado a respeito das coisas ruins encontradas em seu pai, não sabendo apontá-las.

Portanto, a postura de Bruno em relação ao seu pai é de uma busca constante de um espaço, na tentativa de fazer-se presente na vida de um pai que, em momento algum na entrevista, apareceu provido de qualquer sentimento, positivo ou negativo em relação aos filhos. O Pai Simbólico representado pelo pai real é aquele que, no olhar de Bruno, sente a falta do filho, é cuidado por ele, trata bem pelo fato de não mais bater e, quando o fazia, estava com a razão. Neste sentido, a violência sofrida adquire caráter positivo, pois aproxima pai e filho, sendo esta uma necessidade de Bruno.

- Transmissão Psíquica e masculinidade

Durante as entrevistas não surgiram falas que afirmassem qualquer forma de vínculo de Bruno em relação à sua família, podendo-se considerar o mesmo quanto ao seu pai. Entre outros momentos, citaremos um que demonstra este distanciamento:

E: Tem algo que você olha para ele (o pai) e pensa: “não quero ser assim”?

B: Não.

E: E tem algo que você vê em seu pai e deseja ser igual?

B: Acho que não.

E: E você acha que você se parece com quem?

B: Com ninguém.

Em contrapartida, ao narrar alguns gestos que cometeu, Bruno nos dá indícios da existência de vínculos estabelecidos com a figura paterna.

Algumas semelhanças de comportamento entre pai e filho surgem no decorrer da entrevista, fazendo com que o discurso do adolescente caia em contradição. Ao ser questionado sobre as causas que levavam o pai a agredir os filhos, Bruno justifica que era pelo fato de ele ser muito nervoso, muitas vezes sem motivo para a ocorrência de tal ato. Entretanto, quando conversamos sobre algumas características suas, estabeleceu-se o seguinte diálogo:

E: E você é nervoso?

B: Um pouco.

E: Conte um pouco sobre isso. O que te deixa nervoso?

B: Não sei.

E: E que atitude você toma quando fica nervoso.

B: Sei lá, xingo, bato.

E: E você é assim com quem?

B: Quando tô nervoso é com qualquer pessoa.

Outra manifestação da existência de um vínculo em relação ao seu pai é o movimento realizado pelo adolescente que indica uma grande necessidade de mostrar-se para o genitor, de estar com ele independente das agressões físicas. Neste sentido, podemos nos remeter ao vínculo de filiação, que leva o

adolescente a acompanhar o pai, partindo do imaginário de que seu genitor sente-se sozinho sem os filhos. É importante ressaltarmos que em momento algum surgiram, nos dados obtidos, qualquer demonstração de preocupação por parte do pai, ou o sentimento de solidão por estar longe dos filhos, como afirmou Bruno. Portanto, quando levamos em consideração os vínculos, é possível conhecermos a realidade psíquica do indivíduo, ou seja, o seu espaço intersubjetivo e, conseqüentemente, sua relação com o espaço intrapsíquico. (KAËS, 2005).

Assim, a partir dos espaços psíquicos, é possível afirmarmos que a postura de Bruno em relação ao pai é baseada no espaço intrapsíquico, pois se refere à sua representação da figura paterna, independente das atitudes tomadas por seu pai. As agressões físicas cometidas fazem parte do espaço intersubjetivo, relacionado com a interação existente com seu genitor.

Ao considerarmos que os espaços do aparelho psíquico interagem constantemente, é possível afirmarmos que a concepção de violência existente em Bruno é baseada no pai existente a partir do espaço intrapsíquico. Deste modo, é possível explicarmos a postura de Bruno diante das agressões vivenciadas:

E: Te incomodava apanhar?

B: Não.

E: Por quê?

B: Já estava acostumado.

E: Você já esperava?

B: Já.

Também podemos afirmar que a aceitação da violência cometida pelo pai se dá devido ao medo do abandono paterno. Esta reflexão nos faz remetermos à história familiar do pai de Bruno: quando ele tinha cinco anos de vida seu pai (avô de Bruno) foi assassinado e não demorou muito tempo a mãe casou-se novamente. Esta perda, vista pela criança como um abandono, pode não ter sido elaborada devido à substituição seguida da figura paterna.

Neste panorama, retomamos aqui a transmissão pelo Negativo, sendo este definido por Kaës (2001) como um conceito que se organiza a partir do que falha, do que não surge ou do que falta, como ocorre no caso em discussão.

Portanto, o pai de Bruno não assume inteiramente o papel de pai porque sua vivência ficou no negativo, não sendo possível o estabelecimento de outro vínculo.

Em relação a Bruno, resta-lhe manter-se em um vínculo idealizado, construído a partir apenas do espaço intrapsíquico. Portanto, os fatos existentes na vida de seu pai interferem geracionalmente na relação estabelecida com seu genitor.

Quanto à concepção de masculinidade, não surgiram correlações entre masculinidade e força ou virilidade. O choro após as agressões, tido por muitos como impróprio para homens, foi discutido com tranquilidade por Bruno, que afirmou ter chorado várias vezes após as surras que levava.

Não soube dar definição alguma sobre “ser macho”, mas não hesitou em afirmar que ele o era. Em relação ao seu pai e irmão, colocou a situação da seguinte maneira:

E: Ee seu pai, é macho?

B: Não sei, acho que é.

E: Por que você acha que é?

B: Sei lá, porque é meu pai.

E: E seu irmão, é macho?

B: Não sei.

O trecho transcrito nos leva a refletir que a noção de “macho” apresentada por Bruno está relacionada ao ato sexual, pois justifica a masculinidade do pai devido ao fato de ter filho e não soube falar sobre a masculinidade do irmão, que tem treze anos.

Portanto, é possível afirmarmos que a noção de masculinidade apresentada por Bruno não está relacionada à virilidade social e nem ao fato do indivíduo pertencer ao sexo masculino e sim à virilidade sexual e às relações heterossexuais.

5.3.4. A vivência de Bruno

Através do que discutimos sobre Bruno a partir dos dados coletados, consideramos que sua vida a partir de seu grupo familiar se resume à busca

constante de um espaço afetivo. Em sua família o afeto não tem espaço: a mãe o negligencia, estando embriagada grande parte do tempo; o pai, quando estava próximo, batia frequentemente em Bruno e em seus irmãos. Em relação às gerações anteriores, há um grande histórico de violência, pois o avô paterno foi assassinado e o materno vivenciou diversas histórias de violência.

Neste panorama, Bruno estabelece relações simbólicas, de maneira especial com seu pai, mantendo assim sua estrutura psíquica em equilíbrio e, visando preservar esta estrutura, fez uso do “não sei” na maioria dos assuntos levantados, evitando qualquer forma de reflexão.

5.4. GABRIEL, ADRIANO E BRUNO: VIVÊNCIAS DE UM TEMPO

Os dados obtidos através do trabalho com os três participantes de nossa pesquisa nos indicam diversos fatores em comum entre eles.

Primeiramente consideramos a história familiar conhecida através do genossociograma. Todos os participantes apresentam mortes trágicas de homens na família. Gabriel tem um tio que se suicidou, Adriano perdeu avô materno e Bruno o paterno, ambos assassinados em briga de bar. Temos ainda a dúvida em relação à morte do avô materno de Bruno. Assim, apesar de somente Gabriel relatar a existência de agressões do avô em relação ao pai, é possível afirmarmos que o ambiente nas três famílias foi repleto de situações violentas, além das vivenciadas pelos adolescentes em relação aos seus pais. Estes fatores também nos fazem refletir sobre a postura dos homens nestas famílias, pois a violência sempre aparece relacionada com as figuras masculinas. Em contrapartida, a única morte feminina é da avó paterna de Adriano, em decorrência de complicações do parto, símbolo da feminilidade.

Ainda considerando o histórico familiar dos participantes, todos não têm contato com alguma figura masculina que simboliza o patriarcado. Gabriel nem chegou a conhecer o pai biológico; o pai de Adriano cortou relações com o avô do adolescente, impossibilitando o contato da família com ele; e Bruno mantém, juntamente com a sua família, a hipótese de que o avô materno não morreu e sim foi embora, o que também indicaria a falta de relacionamento com uma figura significativa no movimento familiar.

Em todos os participantes surgiram dúvidas ao falarem de sua constituição familiar, não conhecendo exatamente suas estruturas até a geração de seus avós. O pouco contato causa, conseqüentemente, ausência de afeto e indiferença.

A violência física do pai sobre o filho é justificada pelos três adolescentes como uma maneira de educar, apesar de cada um demonstrar de forma diferente sua postura diante do ato. Gabriel revolta-se, Adriano sente-se merecedor e Bruno demonstra indiferença, aceitando apanhar se esta for a condição de atrair o pai para perto de si. Alguns com mais, outros menos convicção, mas todos acabam afirmando que, em algumas situações, também farão uso deste recurso diante de seus filhos.

Quanto à relação com a figura paterna, Adriano e Bruno são submissos às atitudes e posturas do pai, enquanto Gabriel revolta-se e enfrenta. Vale ressaltar que apenas Gabriel não sofre agressões do pai biológico e sim do padrasto, o que nos faz considerar um vínculo e uma ligação diferente em comparação aos outros dois participantes.

A concepção de masculinidade aparece de forma diferente em cada adolescente. Enquanto Gabriel relaciona masculinidade com a sustentabilidade do lar, Adriano e Bruno não demonstram uma posição definida a este respeito, sendo que este relaciona a masculinidade com o ato sexual e aquele como sinônimo de homem, no sentido biológico. O que podemos afirmar a respeito dos três adolescentes é que a masculinidade não foi colocada como sinônimo de força e de agressividade, apesar do histórico de violência relacionado com as figuras masculinas de suas famílias. Neste sentido, consideramos que o fato de eles sofrerem agressões físicas da figura paterna influencia em suas concepções de masculinidade, pois colocá-la como sinônimo de violência seria se excluir da postura de “macho”, já que apanham ou apanharam, e se calaram.

Em relação à afetividade, os participantes apresentam posturas semelhantes. Gabriel em alguns momentos faz menção à necessidade de carinho paterno, mas de forma superficial. Entretanto, nas falas de Adriano e Bruno não há espaço para esta questão, apesar de aparecer claramente a necessidade de maior contato com seus respectivos pais.

Através da produção do genossociograma foi possível constatar que nenhum dos participantes tem conhecimento do seu histórico familiar, apresentando dificuldades para descrever os fatos ocorridos em suas respectivas famílias. Em todos os casos há histórias importantes que não são esclarecidas: Gabriel não sabe o paradeiro do pai biológico e não conhece nada sobre ele, Adriano não aceitou conversar com seus pais para obter maiores detalhes no genossociograma e Bruno não conhece as causas da morte de oito tios maternos. Assim, há a possibilidade da existência de fantasmas nestes ambientes familiares, a presença de “não ditos” que podem interferir inclusive na estrutura psíquica dos adolescentes participantes desta pesquisa.

As reflexões realizadas em cada caso a respeito da transmissão psíquica levaram-nos a identificar uma forte idealização em relação à figura paterna, tanto no caso de Adriano quanto em Bruno. Assim, não há uma culpabilização sobre o pai quanto à violência sofrida, pois isto acabaria com o pai ideal, podendo causar, inclusive, uma desestrutura psíquica nestes adolescentes.

No caso de Gabriel, não há a idealização da figura paterna, mas o processo de identificação se faz presente, sendo ela um fator relevante para a transmissão psíquica, como discutimos em nossa fundamentação teórica.

Diante das considerações realizadas sobre os dados mais relevantes obtidos nos três casos, constatamos que diversos fatores são coincidentes na vida dos adolescentes participantes, essenciais tanto para a formação de seu psiquismo quanto para as relações estabelecidas, apesar dos únicos fatores em comum que buscávamos ao incluirmos os adolescentes neste trabalho eram a existência da violência física exercida pela figura paterna e a conseqüente participação no Projeto Sentinela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caminho para a realização deste trabalho foi bastante longo e muito enriquecedor e a construção desta pesquisa, sua estruturação, sofreram mudanças diversas até chegar ao que apresentamos.

Nossa proposta inicial pautava-se na realização de uma entrevista com o adolescente e outra com seu pai, visando comparar e analisar o olhar de cada um diante da violência familiar. Entretanto, algumas reflexões nos fizeram mudar de postura: em primeiro lugar, seria possível que o pai se sentisse persecutório e não concordasse em participar do trabalho, já que estaríamos discutindo sobre uma atitude dele condenável tanto moral quanto legalmente. Em segundo lugar, este procedimento deixaria como coadjuvante a representação que o adolescente tem, tanto da violência sofrida quanto do pai e da família. Assim, destinamos nosso trabalho mais diretamente para o adolescente e sua representação dos temas discutidos, que é tanto mais importante do que os fatos concretos.

Foi neste momento que consideramos o genossociograma uma técnica bastante coerente com nosso trabalho, pois tanto a estrutura de cada família montada no papel quanto a maneira como os adolescentes contaram a sua história foram essenciais para atingirmos nossos objetivos.

Os dados concretos de realidade foram obtidos através dos prontuários do Projeto Sentinela e da visita domiciliar. Desta forma, tornou-se possível o acesso às vivências dos participantes, mas a base de nosso trabalho foi a escuta e interpretação dos dados fornecidos por eles, seja através da entrevista, do genossociograma ou das posturas que adotaram diante de cada técnica utilizada.

Algumas reflexões teóricas também fizeram-se bastante enriquecedoras. Sabíamos da possibilidade da atuação da psicanálise dentro de um contexto social, porém as leituras e discussões tornaram-se bastante esclarecedoras de como isso poderia ocorrer, assim como em relação às reflexões sobre a psicanálise como método de pesquisa científica.

De maneira concomitante a esta pesquisa vivenciamos a atuação profissional no Projeto Sentinela, que foi beneficiado com os estudos proporcionados por esta pesquisa. A cada leitura exigida para o desenvolvimento do trabalho, as práticas no Projeto Sentinela eram repensadas e o principal benefício que seus integrantes tiveram foi a mudança do olhar destinado para as suas vivências e suas famílias.

Atualmente é possível escutar com mais atenção não só as palavras, mas as posturas e os comportamentos que cada integrante tem, muita vezes sendo, inclusive, uma forma de pedir socorro. Também a partir dos estudos da transmissão psíquica foi possível compreender os movimentos familiares, os processos que ocorrem em cada grupo, aumentando, conseqüentemente, nossas tentativas de maior contato com as famílias. Demos ainda maior ênfase para as visitas domiciliares e abrimos um espaço para a presença dos pais durante algumas atividades.

Também intensificamos o atendimento terapêutico com alguns pais, partindo da compreensão de que várias questões psíquicas que prejudicam o adolescente estão relacionadas também a eles, fazendo-nos compreender, a partir da perspectiva desta pesquisa, de que o que reflete na criança e no adolescente não são somente questões relacionadas à sua própria subjetividade.

De maneira mais específica, o trabalho possibilitou a construção de um vínculo diferenciado com os participantes da pesquisa. Gabriel foi morar com parentes em outro município pouco tempo depois da realização deste trabalho, exatamente pelo excesso de violência que estava ocorrendo no ambiente familiar. Entretanto, Adriano e Bruno ainda fazem parte do projeto e, atualmente, conversam abertamente sobre o que acontece dentro de casa e seus sentimentos. Bruno problematiza um pouco mais a relação com a figura paterna, mas Adriano ainda não realiza este processo, apesar de caminhar nesta direção.

Apesar de todos os participantes do projeto terem sido beneficiados devido à nossa mudança de olhar no decorrer da pesquisa, Bruno e Adriano o foram de maneira especial, pois suas posturas nos levam a acreditar que o trabalho realizado teve caráter de intervenção.

Ao término deste trabalho e diante das reflexões realizadas neste momento, consideramos que obtivemos maior compreensão dos processos psíquicos ocorridos tanto nos adolescentes quanto em suas famílias. Porém, há muito que fazer em relação à violência contra crianças e adolescentes. A realidade dos participantes do Projeto Sentinela está relacionada, em sua maioria, à violência física nos meninos e à prostituição nas meninas. Pensando em uma colaboração social e em nossos anseios como pesquisadores, consideramos pertinentes estudos destinados à realidade apresentada pelas adolescentes, ainda com o foco na família e na transmissão psíquica que, a nosso ver, são estudos primordiais para a compreensão das escolhas de adolescentes que vivem em situação de risco tanto social quanto psíquica.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Temas básicos da sociologia**. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Editora Cultrix, 1956.

AZEVEDO, Maria Amélia. **Violência doméstica na infância e na adolescência**. São Paulo: Robe Editorial, 1995.

BION, Wilfred R. (1959). **On Arrogance**, in *Second Thoughts* London: Karnac Books, 1993.

BORSA, J. C. **A transferência na pesquisa em psicanálise: Algumas considerações**. *Psicanálise e Filosofia: discussão teórica e clínica*. Disponível em: <http://www.psicanaliseefilosofia.com.br/textos/pesquisa_psicanalise.pdf> Acesso 22 Jun 2007.

BRUSCHINI, Christina. **Teoria Crítica da Família**. In: AZEVEDO, Maria Amélia; GERRA, Viviane Nogueira de Azevedo (orgs). *Infância e violência doméstica: fronteiras do conhecimento*.- 3. ed. – São Paulo, Cortez, 2000.

CAMARGO, Mário Lázaro; VALENTE, Maria Luisa L. Castro. **Modernidade, sujeito e família: paradigmas em transformação**. In: VALENTE, Maria Luisa L. Castro; WAIDEMAN, Marlene Castro (orgs). *E a família, como vai?*. Assis: FCL - Assis – UNESP – Publicações, 2005.

CAPITÃO, Claudio Garcia. **Psicanálise e Ciência: algumas considerações**. *PSICO-USF*, Bragança Paulista, v. 4, n.1, p.25-36, jan/jun,1999.

CASTOLDI, Luciana; LOPES, Rita de Cássia Sobreira; PRATI, Laíssa Eschiletti. O genograma como instrumento de pesquisa do impacto de eventos estressores na transição família-escola. *Psicol. Reflex. Crit.*, Porto Alegre, v. 19, n. 2, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722006000200016&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 30 Nov 2007. doi: 10.1590/S0102-79722006000200016

CASTRO, Ana Laura Rabelo Araújo de; WAIDEMAN, Marlene Castro. **Transmissão psíquica e arquétipo: assuntos de família**. In; VALENTE, Maria Luisa Louro Castro; WAIDEMAN, Marlene Castro (orgs). *E a família, como vai?*. Assis: FCL-Assis-UNESP-Publicações, 2005.

CORREA, Olga B. Ruiz. Transmissão psíquica entre as gerações. *Psicol. USP*, São Paulo, v. 14, n. 3, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642003000300004&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 20 Set 2006. doi: 10.1590/S0103-65642003000300004.

_____. **Os avatares da transmissão psíquica geracional.** São Paulo: Editora Escuta, 2001.

COSTA, Jurandir Freire. **Violência e Psicanálise.** 2. ed. – Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986.

DOR, Joël. **O pai e sua função em psicanálise.** Trad: Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1991.

EIGUER, Alberto. **Um divã para a família.** Trad. De Leda Mariza Vieira Fischer. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

ENRIQUEZ, Eugène. Psicanálise e ciências sociais. **Ágora (Rio J.),** Rio de Janeiro, v.8, n.2, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-1498200500020000IIng=pt&nrm=iso> Acesso em: 03 Mai 2007. doi:10.1590/S1516-14982005000200001.

FRASER, Márcia Tourinho Dantas; GONDIM, Sônia Maria Guedes. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. **Paidéia.** São Paulo, v. 14, n.28, 2004. Disponível em: <<http://sites.ffclrp.usp.br/paideia/artigos/28/03.htm>> Acesso em 08 Ago 2007.

FREUD, Sigmund. (1920-1922). Psicologia de grupo e análise do ego. *In:* **Obras Completas.** Trad: Christiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Imago, Vol. XVII, 1976.

_____. (1927) O Futuro de uma ilusão. *In:* **Obras Completas.** Trad: José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, Vol. XXI, 1974.

_____. (1923 [1922]). Dois verbetes de enciclopédia – (A) Psicanálise. *In:* **Obras Completas.** Trad: Christiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Imago, Vol. XVIII, 1976.

_____. (1913[1912-13]) Totem e Tabu. *In:* **Obras Completas.** Trad: Órizon Carneiro Muniz. Rio de Janeiro: Imago, Vol. XIII, 1974.

_____. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. *In:* **Obras Completas.** Trad: Chistiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Imago, Vol. XIX, 1976.

_____. (1927-1931). O Mal-Estar na Civilização. *In:* **Obras Completas.** Trad: Christiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Imago, Vol. XXI, 1976.

_____. (1939). Moisés e o Monoteísmo. *In:* **Obras Completas.** Trad: Christiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Imago, Vol. XXIII, 1976.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e de grupos. In: BAUER, Martin W. & GASKELL, George (orgs). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem, e som**. Um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002.

GEERTZ, Clifford. Violência simbólica e organizações familiares. In: FERES-CARNEIRO, Terezinha. (org) **Família e casal: efeitos da contemporaneidade**. Rio de Janeiro, Editora PUC-Rio, 2005.

GIRALDI, Josemary; WAIDEMAN, Marlene Castro. **Estudo dos aspectos subjacentes aos conceitos de sexualidade e AIDS em adolescentes do sexo masculino**. Relatório de Pesquisa financiado pela FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, 2005.

GUERRA, Viviane Nogueira de Azevedo. **Violência de pais contra filhos: procuram-se vítimas**. São Paulo: Cortez, 1985.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por amostra de domicílios 1981 a 1989, 2001 e 2007**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 14 Out 2006.

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL. **Perfil municipal de Godoy Moreira**. Disponível em <http://www.ipardes.gov.br/perfil_municipal/MontaPerfil.php?Município=86938>. Acesso dia 26 de setembro de 2007.

IRIBARRY, Isac Nikos. **O que é pesquisa psicanalítica? Agora – Estudos em Teoria Psicanalítica**, Rio de Janeiro. v. VI n. 1 jan/jun 2003.

KAËS, René; FAIMBERG, Haydée, et al. **Transmissão da vida psíquica entre as gerações**. Trad. Cláudia Berliner. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

_____. **Os espaços psíquicos comuns e partilhados: Transmissão e negatividade**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

KNOBEL, Maurício; ABERASTURY, Arminda. **Adolescência Normal**. Trad. Suzana Maria Garagoray Ballve. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

LAENDER, Nadja Ribeiro. **A construção do conceito de superego em Freud**. Reverso [online]. Belo Horizonte, vol.27, n.52, 2005, p. 63-68. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952005000100009&lng=en&nrm=iso> Acesso em: 12 Outubro 2007.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário de Psicanálise**. Trad: Pedro Tamen. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LEVISKY, David Léo. **Adolescência: Reflexões Psicanalíticas**. 2. ed. Ver. E atual. – São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

LOWENKRON, Theodor. S. **A investigação psicanalítica está ameaçada de extinção?** Revista Brasileira de Psicanálise, São Paulo, v. 39, n.3.

LUIZI, Lis Verônica Vercillo; FILHO, Raphael Cangelli. **A família em fase adolescente.** In: CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira; BERTHOUD, Cristina Mercadante Espere t. col. Família e ciclo vital. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

MARANHÃO, Bernardo Costa Couto de A. **O Poderoso Chefão - ou da paternidade como fundamento da lei em “Totem e tabu”, de Freud.** Reverso [online]. Belo Horizonte, vol.27, n.52, 2005, p. 37-42. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952005000100006&lng=pt&nrm=is>. Acesso em 12 Out 2007.

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 30, n. 2, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022004000200007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 16 Jun 2007. Pré-publicação.

MATRIZ INTERSETORIAL DE ENFRENTAMENTO DA EXPLORAÇÃO SEXUAL COMERCIAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES. Disponível em: <<http://www.caminhos.ufms.br/matrizdados/pr/godoymoreira.html>>. Acesso em 26 Set 2007.

MEZAN, Renato. **Freud: Pensador da cultura.** 7. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. **Psicanálise e Pós-Graduação:** Notas, Exemplos e Reflexões. Estados Gerais da Psicanálise de São Paulo [online]. Disponível em <<http://www.geocities.com/HotSprings/Villa/3170/RenatoMezan.htm>>. Acesso em 14 Out 2008.

MONTEIRO, Dalva de Andrade. A função paterna e a cultura. **Cogito.** Bahia, v.3, 2001. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792001000100006&lng=en&nrm=is>. Acesso em 27 Abr 2007. ISSN 159-9479.

NEUMANN, Marcelo Moreira. **O que é violência doméstica contra a criança e o adolescente.** Nov 2000, p.1-3. Disponível em: <http://www.cedeca.org.br/PDF/violencia_domestica_marcelo_neumman.pdf>. Acesso em 24 Maio 2008.

POSTER, Mark. **Teoria Crítica da família.** Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

PIVA, Ângela. **Fundamentos teórico-técnicos para uma psicanálise vincular**. In; PIVA,A. et cols. Transmissão transgeracional e a clínica vincular. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2006.

ROCHA, Eduardo Gonçalves.; FREITAS, Viviane Pereira de. - A proteção legal do jovem trabalhador - Revista da UFG, Vol. 6, No. 1, jun 2004. Disponível em <http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/juventude/legal.html> Acesso em: 15 Set 2007.

RODRIGUES, H.B.C. Psicanálise e Análise Institucional. In: RODRIGUES, H.B.C.; LEITÃO, M.B.S.; BARROS, R.D.B. (orgs). **Grupos e Instituições em análise**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

SEVERO, Ariane de Freitas. **Sobre o sujeito na herança transgeracional. Identificação:** a via régia da transmissão psíquica. In: PIVA, Ângela et. Cols. Transmissão Transgeracional e a clínica vincular. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

SILVA, Grazielle Roberta Freitas, MACEDO, Kátia Nêyla de Freitas, REBOUCAS, Cristiana Brasil de Almeida *et al*. Entrevista como técnica de pesquisa qualitativa. **Online braz j nurs. [online]**. abr. 2006, vol.5, no.2 [citado 31 Julho 2007], p.00-00. Disponível em: <http://www.portalbvsnf.eerp.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-42852006000200028&lng=pt&nrm=iso> ISSN 1676-4285. Acesso em 23 Out 2007.

SOUZA, Octavio. Reflexão sobre a extensão dos conceitos e da prática. In: ARAGÃO, L.T.de.; CALLIGARIS, C.; COSTA, J. F.; SOUZA, O. **Clínica do social: ensaios**. São Paulo: Escuta, 1991.

SCHUTZENBERGER, Anne Ancelin. **Meus antepassados:** vínculos transgeracionais, segredos de família, síndrome de aniversário e prática do genossociograma. Tradução: José Maria da Costa Villar. São Paulo: Paulus, 1997.

TENORIO, Fernando. Psicanálise, configuração individualista de valores e ética do social. **Hist. cienc. saude-Manguinhos.**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702000000200006&ing=pt&nm=iso> Acesso em: 03 Mai 2007. doi: 10.1590/S0104-59702000000200006

VALENTE, Maria Luiza Louro de Castro. **Fracasso escolar**. São Paulo: HVF Arte & Cultura: CERED/UNIP, 1995.

WAIDEMAN, Marlene Castro. **Adolescência - Sexualidade - Aids. Na família e na escola**. 2. ed. São Paulo: Arte & Ciência, 2003.

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do Trabalho: **Vicissitudes de famílias de adolescentes agredidos pelo pai**

Dados do comitê de ética:

Projeto aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina de Marília (FAMEMA)

Endereço: Avenida Monte Carmelo, 800-CEP: 17519-030 – Marília/SP

Fone: (14) 3421-1827

E-mail: dirpos@famema.br

Objetivo: O objetivo deste trabalho é compreender os significados da violência familiar presentes em adolescentes do sexo masculino, que sofrem ou sofreram agressão física por parte do pai, e sua história familiar como participante da construção destes conceitos, considerando a partir da transmissão psíquica entre as gerações.

Justificativa: A violência dentro da família é uma questão social que deve ser questionada e refletida, tanto pelas suas causas quanto pelas suas conseqüências. Em se tratando mais especificamente do adolescente, que vive uma fase de formação da personalidade, torna-se pertinente identificar as conseqüências deste ato para sua vida. A escolha pelo sexo masculino deu-se em decorrência da maior experiência da pesquisadora, adquirida em pesquisa anterior. Este trabalho, já concluído, deixou um questionamento sobre os conceitos de masculinidade existentes em adolescentes masculinos, surgindo a possibilidade de estudar esses conceitos dentro da família, a partir da transmissão geracional. A escolha da violência exercida pelo pai deu-se pela identificação que o adolescente homem tem em relação à figura paterna. Portanto, torna-se importante partir da relação de violência pai/filho para entender o conceito de masculinidade e violência construído no adolescente vítima de violência familiar.

Procedimentos: Este trabalho consiste na realização de entrevistas adolescentes vítimas de violência física exercidas pelo pai, além da produção do genossociograma de cada adolescente e do levantamento da história de vida destes participantes. As entrevistas serão gravadas, garantindo, assim, a fidedignidade do seu conteúdo. Serão utilizados alguns itens norteadores na entrevista, mas torna-se possível, para o entrevistado, colocar tudo o que considerar pertinente, de tal forma que enriqueça o trabalho e proporcione uma maior reflexão sobre o assunto. A previsão para a duração desta pesquisa é de dois anos.

Descrição dos desconfortos e riscos possíveis com a avaliação de gravidade:
Inexistentes

Benefícios que poderão ser obtidos: os resultados obtidos possibilitarão o reconhecimento de algumas causas da agressão física dos pais sobre os filhos, o que possibilitará a realização de trabalhos preventivos.

Métodos alternativos: Inexistentes

Formas de acompanhamento e assistência, assim como seus responsáveis: assistência psicológica e social aos adolescentes e família, oferecidas pelo Projeto Sentinela de Godoy Moreira/PR

Previsão de ressarcimento de gastos: Inexistentes

Formas de indenização de eventuais danos decorrentes da participação na pesquisa: Inexistentes.

Medidas de proteção de riscos e às confidencialidade:

- será garantido o sigilo que assegure a privacidade dos sujeitos envolvidos nesta pesquisa.

-será garantido o anonimato dos sujeitos quando a publicação dos resultados da pesquisa.

-será garantido ao sujeito se recusar a participar ou retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalizações ou prejuízos pessoais.

Colocamo-nos à disposição para qualquer tipo de esclarecimento, seja em qual momento da pesquisa estivermos.

Asseguramos o direito de mantê-lo atualizado sobre os resultados parciais da pesquisa, sempre que necessitar de informações.

Por fim, comprometemo-nos a utilizar os dados coletados somente para esta pesquisa.

Declaro que, após ter sido convenientemente esclarecido pelo pesquisador sobre os itens descritos acima, consinto em participar, na qualidade de sujeito, desta pesquisa e informo que,

Autorizo publicação dos dados, desde que estes sejam copiados na íntegra.

Não autorizo a publicação dos resultados.

Godoy Moreira, _____ de _____ de 2008

Assinatura do participante

Assinatura do pai ou responsável

Eu, Josemary Giraldi, declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste paciente ou representante legal para a participação neste estudo.

pesquisadora responsável

Pesquisadora responsável: Josemary Girdali
End: Rua Lércio Costa, 649 Centro
São João do Ivai, PR
Telefone para contato: (43) 3477-3492

Orientador da pesquisa: Francisco Hashimoto
End. Profissional: Av. Dom Antônio, 2100 Pq. Universitário
CEP: 19800-000 Assis/SP
Telefone para contato: (18) 3322-8564